



D. J. G. de Magalhaens.

Est. d'Arrest. Reol. B. A. de Louv.

DOMINGOS JOSÉ GONÇALVES DE MAGALHÃES

(Esboço biographico)

I



m douto escriptor transatlantico¹, de quem houvemos em vida provas de benevolencia e favor, taes que penhoraram para sempre a nossa gratidão; — arrebatado inesperadamente por uma morte prematura ás investigações e estudos historicos, que de muitos annos lhe serviam de occupação e recreio, e quando de seus bem dirigidos trabalhos promettia dar novos e avantajados fructos:— em um quadro biographico-critico (tão judiciosamente pensado, e correctamente escripto como tudo o que sahia d'aquella penna intelligente) com que, poucos mezes antes do derradeiro transito, ornamentára as paginas do jornal para que destinâmos estas linhas, queixava-se magoado e com rasão sobeja do desdem, ou melhor do esquecimento a que em Portugal parece haver sido condemnada a litteratura brasileira contemporanea, que, no dizer do illustrado

¹ O sr. João Francisco Lisboa, commendador da ordem imperial da Rosa, natural da provincia do Maranhão, e fallecido em Lisboa a 26 de abril de 1863, com cincoenta e um annos de idade, victima de padecimentos chronicos, que occasionalmente se lhe aggravaram.

philologo, póde considerar-se entre nós quasi geralmente desconhecida¹.

O erudito maranhense, com a clareza de raciocinio e relevo de phrase, que lhe conferem jus indisputavel a ser tido (sequer no conceito dos que devidamente avaliam taes predicados) por um dos mais primorosos prosadores da terra de Santa Cruz, ahi mesmo procurou explicar e desenvolver as causas determinativas e occasionaes d'este phenomeno. Insistindo por outra parte na procedencia e justeza do seu reparo, propunha-se obviar aquellas do modo que lhe era possivel, tratando de commemorar em successivos estudos os nomes de alguns vultos mais proeminentes, escolhidos de tantos que na vasta região comprehendida do Prata ao Amazonas se nobilitam pela cultura intellectual das sciencias e lettras, e cujas obras bem merecem lograr entre todos que falam e prezam a lingua de Camões uma popularidade, que de certo lhes não faltára, se não se antepuzessem para empecel-a até hoje os obstaculos provenientes das causas alludidas.

Ninguem melhor do que elle estava a nosso ver no caso de levar ávante o empenho commettido. Aos dotes de imparcialidade não vulgar, espirito penetrante e são juizo, que indispensavelmente se requerem na critica illustrada, reunia os thesouros de uma dicção copiosa, castiça e fluente, affeiçoada nas fórmulas de Vieira, seu auctor predilecto e mais perfeito exemplar. A morte que lhe sobreveiu, e que por mais de uma rasão deplorámos, cortando de uma vez o fio de seus trabalhos, deixou n'esta parte um vacuo, que se nos affigura difficil de preencher.

II

Convidado por amigaveis e obrigatorias instancias do director e actual proprietario da *Revista* para com o nosso debil contingente o ajudarmos na prosecução de um proposito já por vezes encetado, qual o de avolumar a parte do jornal applicada á biographia, subministrando aos leitores noticias mais ou menos circunstanciadas de algumas notaveis celebridades contemporaneas de além-mar, cuja maior divulgação será, quanto podemos julgar, agradavel a todos, folgando uns de rememorar o que já sabiam, outros de conhecer o que por ventura ignoravam, tivemos emfim de aceder a taes solicitações. Não o fizemos, diga-se ingenuamente, sem bastante reluctancia e con-

¹ Vej. a *Revista Contemporanea*, vol. iv, pag. 329.

sideravel sacrificio do nosso amor proprio; certo como estamos da impossibilidade de desempenhar de modo sequer supportavel o encargo que se nos impoz. Quando a voz da intima consciencia nos não advertisse em segredo do pouco que valeinos, a nossa inutilidade e insipiencia acham-se official e solemne-mente proclamadas para todos os effeitos á face do mundo, não só pelo estacionamento na carreira civil em que entrámos ha vinte e oito annos apoz longos preparatorios, e em que assiduamente nos esforçámos por bem servir; mas, o que é mais, pelo absoluto desprezo e significativa indifferença com que tiveram em bem remunerar-nos aquelles a quem offerecemos o cançado fructo de improbas vigílias, dos penosos labores consumidos em obra litteraria¹ a que provavelmente não faltariam honras e premios, se emprehendida fosse por artifice mais idoneo, que á vontade e desejos que em nós sobram, juntasse para a execução as luzes do ingenho em que tão minguado nos confessámos.....

Depois de amargos desenganos, e na firme resolução que tomaramos de não mais abusar da indulgencia do publico, forçando-o á leitura de producções cada vez mais desenxabidas e soporíferas—é facil de imaginar o muito que nos custaria variar-mos de tenção. Resignámo-nos comtudo, e consentimos que os nossos artigos falhos de «nervo e lustre», sombrios e mal-avindos partos de um cerebro já resequido, iriam obscurecer uma ou outra vez algumas paginas da *Revista*, embora os vejamos contrastando em união desconforme com os trabalhos de tantas e tão exercitadas pennas, que por via de regra abrilhantam mensalmente os numeros d'este magnifico jornal. Diferença desconsoladora! É tanto mais para sentir, quanto é certo (a usar das proprias palavras do judicioso escriptor a que de principio alludimos) vivermos actualmente na epocha em que « as fórmas mais que as idéas attrahem a attenção; e o culto da phrase e do estylo se converte não raro em cega e viciosa idolatria! »

Cerrando por aqui o exordio, em que talvez nos alongámos além do que cumpria, entremos na primeira amostra. Será ella, na falta de qualquer outro merito, exempta ao menos da macula da parcialidade, tratando-se de pessoa, a cujo respeito bem podemos, com verdade e no sentido mais absoluto, apro-

¹ O *Diccionario Bibliographico Portuguez*, de que existem já impressos sete volumes, comprehendendo as letras A-Z. A exposição das causas que nos constrangeram a addiar indefinidamente a publicação do supplemento e indices promettidos (que devem conter ainda mais tres ou quatro tomos) fica de reserva para melhor oportunidade, por impropria d'este logar.

priar-nos a sabida divisa do historiador romano: *nec beneficio, nec injuria cogniti*.

III

Na serie de nomes illustres de que o moderno Brasil se gloria, e que começára a inscrever honrosamente na primeira plana de seus fastos litterarios, logo que a conquista da nacionalidade politica trouxe comsigo para o novo imperio a emancipação das letras, occupa um logar mui distincto o do sr. dr. Domingos José Gonçalves de Magalhães. O brado de patricios e estranhos se compraz de render-lhe justiça. Uns e outros têm pago repetidas vezes ao poeta-diplomata em louvores insuspeitos o tributo de admiração devido ao genio, acatando-o como requerem os meritos pessoaes que o condecoram. Estes, sendo de si innegavelmente grandes, são ainda realçados por uma circumstancia mais que muito attendivel — a da PRIORIDADE!

Ávido de maior instrucção, fugindo ás commoções politicas que durante alguns annos agitaram as plagas de Cabral, e ariscaram por vezes a integridade da nascente soberania (base e condição essencial de sua futura grandeza) o mancebo fluminense impulsado do novo mundo para as margens do Sena, sentiu e comprehendeu para logo toda a força, todo o alcance do movimento intellectual que em roda de si se operava. Ao correr d'esse periodo de transformações e peripecias não interrompidas, em que nós, os individuos que hoje orçamos por meio-seculo de existencia, temos visto formarem-se e robustecerem-se idéas, que traduzidas em factos, tendem a preparar sob novos aspectos os destinos futuros da humanidade, o joven Magalhães foi o primeiro adepto brasileiro convertido á nova fé. Renunciando solemnemente o culto das musas pagãs, cujo templo se lhe abrija ao despontar da adolescencia, desertou dos arraiaes da escola classica para alistar-se nas fileiras da regeneração litteraria, capitaneada a esse tempo por Chateaubriand e Lamartine. Não soldado bisonho, mas official já experimentado, entrou affeito na lide e pôde ganhar sem custo o premio do certamen; cabendo-lhe a gloria de ir pouco depois arvorar no solo da patria o pendão do romantismo, inaugurando a nova escola sobre as tradições da antiga.

D'ahi os seus direitos á justa consideração dos que insistem em preconisal-o como verdadeiro fundador da autonomia litteraria do Brasil. E esses direitos temol-os nós por tanto mais legitimos, quanto estamos longe de subscrever á opinião, embora

habilmente propugnada, que pretende contar as epochas ou periodos do que lhe apraz denominar «litteratura brasileira» de tempos que quasi coincidem com o descobrimento, conquista e povoação do paiz pelos primeiros colonos portuguezes, esforçando-se para imprimir-lhe desde então certo character peculiar ou typo de nacionalidade. Ha sido defendida essa causa, bem o sabemos, por pennas doutissimas e que muito respeitamos: porém, diga-se a verdade, os argumentos adduzidos ao intento parecem-nos mais especiosos que solidos para lograrem convencer-nos n'este ponto. É possível que ainda assim laboremos em erro; n'esse caso peccamos de boa fé, e consola-nos ter por companheiros, entre muitos de egual pensar, alguns illustres brasileiros não menos auctorizados, que em seus escriptos manifestam idéas em perfeito acordo e conformidade com as que n'esta parte seguimos¹.

Permitta-se-nos que em abono da nossa opinião traslademos para aqui as phrases textuaes de um d'elles (o proprio sr. Magalhães) em que se nos affigura ver o cabal desengano dos que intentam em vão segregar da litteratura portugueza a do Brasil, traçando entre ambas qualquer linha de demarcação, referida aos tempos que precederam a separação politica dos dois estados. Eis como se exprime a este proposito o assisado poeta²:

«Cada povo tem a sua litteratura, como cada homem o seu character, cada arvore o seu fructo. Mas esta verdade que para os primitivos povos é incontestavel e absoluta, todavia alguma modificação experimenta entre aquelles cuja civilisação apenas é o reflexo da civilisação de outro povo. Então, similhante ás arvores enxertadas, vêem-se pender dos galhos de um mesmo tronco fructos de diversas especies; e posto que não degenerem aquelles que do enxerto brotaram, comtudo algumas qualidades adquirem dependentes da natureza do tronco que lhes dá o nutrimento, as quaes os distinguem dos outros fructos da mesma especie. Em tal caso, porém, as duas litteraturas marcham a par, e conhecer-se pôde qual a indigena, qual a estrangeira. N'outras circumstancias, quaes as aguas de dois rios, que n'um confluente se annexam, e confundidas n'um só leito se deslizam, as duas litteraturas de tal geito se alliam, que é impossivel separal-as.»

Á luz de taes principios, que têm para nós o character de in-

¹ Citaremos por exemplo o sr. conego dr. J. C. Fernandes Pinheiro, no seu novissimo *Curso elementar de Litteratura nacional*, impresso em Paris, 1862, na lição XLIII.

² No *Ensaio sobre a historia da Litteratura do Brasil*, inserto no *Nietheroy*, revista brasileira publicada em Paris, 1836.

concussos, lidam debalde os que presumem descobrir através dos seculos do predomínio colonial, coroados pelo curto e transitorio intervalo em que a elevação do Brasil a reino pelo motu proprio d'el-rei D João VI tornou para logo necessaria a separação politica entre a metropole e a antiga colonia, até vir a realisar-se a emancipação com o grito de independencia levantado nas margens do Ypiranga, presumem descobrir, dizemos, o que impropriamente distinguem com o nome faustoso de «litteratura nacional do Brasil».

Anteriormente a 1823, o Brasil póde em verdade ufanar-se de contar entre os seus filhos escriptores benemeritos, historiadores notaveis, oradores de vulto, e sobretudo poetas distinctissimos: porém esses historiadores, esses poetas nasceram e morreram portuguezes, e d'isso se prezaram.....¹. Nascidos sob o sceptro lusitano, oriundos de um tronco commum, educados pela maior parte em Portugal, aqui beberam com o leite da sciencia as inspirações da arte. Muitos florece-ram considerados e applaudidos até se finarem entre nós; e os que, repassando os mares, viram de novo o solo patrio, para elle transplantaram indeleveis as reminiscencias do Tejo e do Mondego. Finalmente, como diz outro celebrado escriptor: «O desenvolvimento litterario do Brasil por todo aquelle tempo não podia ser senão o reflexo do de Portugal, que era para a colonia o prisma da leitura e civilisação européa.»

Na epocha em que o ascendente da escola romantica e os elementos da nascente nacionalidade brasileira se deram as mãos, começando a preponderar juntamente, cumpre portanto fixar, se não nos enganamos, o periodo inicial da litteratura a que os vindouros têm de conferir de justiça a qualificação de brasileira. E é sob este aspecto que ao sr. Magalhães pertence inquestionavelmente, como a chefe de escola, o brazão e prerogativas do primeiro poeta da sua nação.

Vejam os pois de que trabalhos lhe proveiu essa aueola brilhante que o rodêa, e cujo esplendor não diminuirá por certo ante o juizo recto da imparcial posteridade.

«Pascitur in vivis livor: post fata quiescit.»

IV

No Rio de Janeiro, para onde as convulsões politicas da Europa haviam pouco antes arrojado o filho de Maria I, quando

¹ Exceptuem-se da regra geral, se o quizerem, quanto á ultima parte, os dois ou tres implicados na conjuração de Minas no fim do seculo passado.

a injustificavel invasão do reino pelas tropas gallo-hispanas o forçára a transpor o Oceano, resolvido a procurar nas possessões ultramarinas refugio e segurança, para forrar-se ao captivo que inimigos ambiciosos lhe reservavam: — n'aquella cidade, convertida por então de capital do Brasil em séde da monarchia e côrte do principe regente, nasceu o sr. Domingos José Gonçalves de Magalhães aos 13 de agosto de 1811.

Descendente de portuguezes, e pertencendo, ao que se affirma, a uma familia distincta, nenhuma outras particularidades nos chegaram relativamente ás pessoas de seus progenitores. Sahia apenas da infancia quando o destino providencial, que rege e encadêa os successos e vicissitudes das nações, fez soar no velho Portugal o grito de «liberdade», cujo echo se ouviu para logo repercutido e festejado do Tejo ao Amazonas; e cujas consequencias deram de si, como que instantaneamente, a desmembração da antiga monarchia, inevitavel por certo¹, mas antecipada talvez de alguns annos ao que fôra rasoavel esperar, se não viessem apressal-a as causas determinantes, que por muito sabidas não parece necessario relatar.

Ao som dos hymnos com que o já livre Brasil applaudia a sua proclamada independencia da mãe patria, e durante as luctas entusiasticas em que se empenhára para a segurar, começava e proseguia o joven fluminense os primeiros estudos, dando mostras de natural capacidade e grande aproveitamento. Ensaiado mais que sufficientemente nas disciplinas proprias das que nossos paes chamavam «humanidades», mas que a moderna tecnologia classifica hoje com o nome, talvez mais pomposo, de «instrucção secundaria» carecia comtudo de um diploma scientifico que na carreira civil, que pretendia abraçar, lhe servisse de titulo e habilitação para subir aos cargos mais elevados.

Das duas escólas, a de medicina e a de mathematica, unicas que por aquelle tempo existiam organisadas no Rio de Janeiro, escolheu de preferencia a primeira, já então condecorada com as honras e prerogativas de faculdade. Frequentando e concluindo o respectivo curso, recebeu no grau de doutor juntamente com o premio devido á sua applicação, um fervoroso incentivo para novos e mais proficuos trabalhos.

Algumas prelecções publicas de eloquencia e philosophia es-

¹ • A independencia do Brasil (diz um nosso politico escriptor) data do dia 28 de janeiro de 1808, em que D. João VI assignou no Brasil a carta regia, que abriu os portos d'aquelles estados á navegação e commercio de todas as nações que estivessem em harmonia com a corôa portugueza. »

cutadas com gostosa benevolencia dos ouvintes, foram as primicias do seu tirocinio escolar, e denunciaram a seus patriocios o que podia d'elle esperar-se nas luctas da intelligencia. Pouco depois appareceram as primeiras manifestações da sua vocação poetica, vulgarisadas em um livro que no Rio fez imprimir em 1832, e que sob o titulo de *Poesias* comprehendia em ensaios e tentativas juvenis as inspirações precoces da musa que o acalentára.

Inutilmente diligenciámos ter á vista esse volume, que nos consta ser hoje mui raro, até no Brasil; mas pelo que d'elle nos diz um sabio critico allemão¹ que o examinára, o sr. Magalhães pouco se affastava ainda das veredas trilhadas, pois que no respectivo prefacio elle proprio advertia mui expressamente haver tomado por mestres e guias os poetas classicos portuguezes Ferreira, Camões, Garção, Diniz e Filinto Elysio. Consta a colleccão de odes, cantatas, elogios dramaticos e outras simillhantes composições, destinadas em grande parte á commemoração de feitos patrioticos, ou a solemnisar dias de regosijo publico; todas modeladas nas fórmas classicas consagradas pelo uso. Através do calor facticio, do enthusiasmo artificial que nas poesias d'esta escola se equivoca uma ou outra vez com a verdadeira inspiração, e por entre o cortejo habitual e luxuoso das allusões mythologicas convertidas em logares communs, transparecem aqui e alli assomos de independencia, que indicam no poeta fluminense o desejo de soltar-se das péas da imitação, a que de força pretendiam subjeital-o os preceitos da arte. Citam-se, por exemplo, uma *Epistola a Marilia* e outros trechos, nos quaes se revelam, diz-se, os primeiros symptomas d'essa profunda absorpção philosophica, que mais tarde havia de constituir um dos caracteres distinctivos das poesias do sr. Magalhães. Como amostra de tão notaveis tendencias são ainda tidas em merecido apreço as *Noites melancholicas*, serie de cantos elegiacos, inspirados pela musa de Young, que no seu genero se avantajam, chegando alguns a competir honrosamente com os do poeta britannico.

Logo no anno seguinte (1833) o sr. Magalhães empreheendeu a sua primeira viagem á Europa. Depois de uma digressão na Italia, veiu alcançal-o em París em 1836 a nomeação que d'elle fizera o governo brasileiro para addido á legação imperial n'aquella corte.

Corria por esse tempo em França a epocha de maior esplên-

¹ O sr. dr. Fernando Wolf, dignissimo conservador da bibliotheca imperial de Vienna, na sua *Histoire de la Litterature brésilienne*, Berlin, 1863, a pag. 141.

dor para o romantismo, que invadindo os dominios da arte, depois de porfiosas lutas, estava a ponto de levar de vencida os seus adversarios. Os propugnadores de antigas theorias debalde se esforçavam para resistir aos ataques impetuosos dos sequazes das novas idéas, que embora alistados em diversos campos e sob o commando de varios chefes, traziam comtudo em suas bandeiras por divisa commum!—*A queda do clacissismo*—N'esta conjunctura, profundamente impressionado pelo que passava em roda de si, e com as disposições de espirito em que o sabemos, não era crível que o sr. Magalhães permanecesse espectador impassivel e indeciso no meio dos contendores. De sobra se mostrára inclinado a libertar-se da servidão classica, para que hesitasse em declarar-se estrenuo campeão das doutrinas regenerativas; e tão fervoroso andou em perfilhal-as quão solícito em transmittil-as, exemplificando-as aos seus compatriotas.

Fructos d'essas impressões, e dirigidos a esse intento foram, não só os artigos *Philosophia da religião*, *Estudos sobre a historia litteraria do Brasil*, que escreveu e vulgarizou no *Nictheroy*, revista brasileira por elle e por dois distinctos patricios seus, os srs. M. de Araujo Porto-Alegre, e F. S. Torres Homem, fundada e redigida em Paris durante alguns mezes, mas tambem um novo livro de versos, que n'aquella cidade deu á luz no já dito anno de 1836, e que intitidou *Suspiros e saudades*.¹

N'esta admiravel e hoje bem conhecida collecção de poemas lyrico-elegiacos, escriptos com depurado gosto, brilha em toda a plenitude a originalidade nacional e individual do auctor. Rotas inteiramente as cadéas da *imitação* e do *clacissismo* convencional, o sr. Magalhães ao dotar com ella a patria, conquistou para o seu nome os foros da immortalidade. Ahi se encerram os primeiros titulos, que o proclamam restaurador da litteratura no seu paiz, á qual abriu uma nova epocha, e um caminho ainda não trilhado: se é que melhor lhe não cabe o nome de seu primeiro fundador na opinião dos que, como nós, só concebem a existencia de uma litteratura propria e realmente brasileira depois que o Brasil, desligado dos vinculos que o prendiam á metropole, tomou logar no catalogo das nações independentes.

V

De volta para a patria, d'onde o reclamavam saudosas ins-

¹ Ha d'elle segunda edição, revista, correcta e mais accrescentada pelo proprio auctor. Sahiu tambem em Paris, a expensas do editor Moré, 1859, 8.º

tancias de amigos e parentes, o illustre poeta encontrou na estima e applausos do publico as provas mais condignas de consideração devida aos seus trabalhos, e de respeito pelo seu talento. O governo imperial deu-se pressa a empregal-o, talvez menos para galardoar os serviços já prestados, que com a intenção de aproveitar os muitos para que o habilitavam saber e dedicação nas diversas commissões que successivamente lhe confiou.

Em abril de 1838, quando a iniciativa efficaz de um ministro zeloso decretava a transformação do antigo e acanhado seminario de S. Joaquim do Rio de Janeiro, elevando-o á categoria de collegio imperial de Pedro II, com organização e plano de estudos mais conformes ás exigencias da actualidade, entre os primeiros professores nomeados para as cadeiras do novo instituto foi escolhido para a de philosophia o sr. dr. Magalhães. Não lhe consentiram, porém, que a regesse por longo praso outras importantes occupações do serviço publico a que teve de attender.

Nomeado secretario do governo provincial do Maranhão em epocha difficil, passou mais tarde no mesmo exercicio para a provincia do Rio-Grande do Sul. Seus concidadãos, reconhecidos ao muito que lhe deviam, quizeram á sua parte significar-lhe o apreço em que o tinham, honrando-o com o diploma de seu representante na camara dos deputados.

Alternando cuidados, e repartido o tempo entre a satisfação dos deveres do funcionario, e os desenfados do estudo, a que o levavam inclinação e gosto, continuava antes e depois a colher novas e virentes palmas nos certames litterarios. Attentára no estado de lastimoso abatimento em que jazia o theatro brasileiro, cujo repertorio não continha mais que peças portuguezas de velho cunho, e versões de dramas francezes; doeu-se ao ver tal penuria, e ambicionou para si a gloria de ser tambem o primeiro a dar no seu paiz á arte dramatica o incremento de que necessitava. Tinha já naturalisado com bom exito algumas felizes imitações de Ducis e d'Arnaud, quando tomou a peito a composição original de uma tragedia, que fosse duplamente nacional pela lingua e pelo assumpto. A 13 de março de 1838 subia com effeito pela primeira vez á scena no theatro da praça da Constituição no Rio de Janeiro *Antonio José, ou o poeta e a inquisição*, obra digna do successo que obteve, e que a critica judiciosa não faltou a confirmar-lhe, quando appareceu impressa no anno immediato. As difficuldades provenientes do sujeito, eminentemente patriotico, mas pouco accomodavel á acção tragica, fo-

ram superadas com arte e ingenho, pela ideal elevação dos affectos, e pelas bellezas do estylo pathetico, que n'ella predominam sem quebra de interesse do principio ao fim.

Com pequeno intervalo seguiu-se o *Olgiato*, fabula milaneza, tomada de um episodio da historia das republicas italianas da idade media, representada a 7 de setembro de 1839, na inauguração solemne do theatro de S. Pedro d'Alcantara. Esta segunda tragedia em que o auctor soube sustentar-se habilmente na altura da sua reputação, imprimiu-se, tambem no Rio, em 1841.

Uma e outra são precedidas na impressão de prefacios doutrinaes, em que o poeta exprime concisamente as suas idéas ácerca do theatro, e da direcção que no seu entender devia dar-se á arte dramatica. Ahi se vê quanto ia longe de concordar n'esta parte com os desvairados caprichos, com as exagerações extravagantes, com os *horróres*, que então predominavam nas producções do ultra-romantismo, consideradas por elle como outras tantas aberrações da verdadeira doutrina.

Sem conservar-se adstricto á regra das tres unidades aristotelicas, subjeitou-se comtudo a guardar escrupulosamente a da acção, respeitando não menos a dos caracteres. Entendendo por outra parte que cumpre manter intacta a distincção dos generos, excluiu das suas tragedias o elemento comico, julgando-o inconveniente, senão de todo incompativel com a severa dignidade que deve prevalecer n'esta sorte de dramas. apreciando finalmente, como diz, a simplicidade, energia e concisão das tragedias de Alfieri e Corneille, filiou-se na escola d'estes grandes mestres, e conseguiu por mais de uma vez attingir no seu dialogo incisivo e travado, o laconismo sublime do primeiro.

VI

Ao fim de algum tempo o sr. Magalhães retomou a carreira diplomatica, e n'ella tem permanecido desde então em activo exercicio, salvas curtas interrupções. Como representante do imperio serviu durante alguns annos com o caracter de encarregado de negocios nas côrtes de Napoles e Turin, e occupa desde 1859 o cargo de ministro residente na de Vienna. Que o desempenho em tão arduas funcções não dissentiu do que devéra esperar-se de suas luzes e idoneidade, attestam-n'o a sua elevação gradual na hierarchia, e as distincções honorificas, espontaneamente conferidas quer pelo seu soberano, quer por aquelles junto dos quaes ha sido acreditado. Condecorado com o gráu

de commendador das ordens de Christo e imperial da Rosa, e de cavalleiro da do Cruzeiro, é tambem commendador da de Francisco I, e da real napolitana do Merito.

Possue de longa data outras, se de genero diverso, não menos recommendaveis e significativas para elle que para os que se glorificaram outorgando-lhas. O Instituto Historico do Brasil, a Academia Imperial das Bellas Artes do Rio de Janeiro, e outras corporações scientificas e litterarias da America e da Europa o collocaram com honroso aprazimento nas listas de seus membros.

Nota-se como facto trivial entre individuos a quem manifestações de talento e esforços de intelligencia na cultura das letras serviram de azas para subirem ás dignidades e cargos preeminentes da republica, que a maior parte d'elles, embebidos nas especulações emaranhadas e lucrativas da vida publica, olham depois com sobranceria para taes instrumentos da propria elevação, desdenhados por inuteis na posição social a que ascenderam. Os deleites inefaveis e puramente intellectuaes do homem letrado já não teem valor algum perante os calculos positivos do politico sagaz, do funcionario egoista, do ministro ambicioso. O novo ambiente que os circumda é crasso em demasia para consentir-lhes outras aspirações que não sejam os desejos insaciaveis de maior fortuna e engrandecimento. Cogitando dia e noute nos modos de o conseguir, essa idéa fixa preoccupa-os a ponto de sacrificar-lhe tudo o mais. Cabe todavia a alguns espiritos privilegiados a sorte de fugirem á regra geral, e no numero d'essas felizes excepções podemos contar de justiça o sr. Magalhães. Empregado administrativo, legislador ou diplomata, é sempre primeiro que tudo o poeta eminente, o abalisado escriptor. Em qualquer estado ou logar lhe sobra tempo para entregar-se aos estudos meditativos, ou para recolher disvelado as inspirações da musa fagueira, que por toda a parte o segue.

VII

Não satisfeito de primar vantajosamente como poeta lyrico e tragico distincto, mediu as proprias forças para abalançar-se a nova e mais arriscada empreza. Nada menos que a composição de uma epopéa nacional, genero de poesia que por extremamente difficil, muitos preconizam pelo maior esforço do ingenho humano, e em que, no pensar dos criticos, o numero dos despenhos acompanha de perto o dos commettimentos.

O sr. Magalhães não trepidou em presença das difficuldades,

e soube vencel-as com honra, dando na concepção e execução novo realce aos seus sentimentos patrióticos. O assumpto do poema foi habilmente escolhido na epocha da conquista, e quando as tribus indigenas não de todo submettidas ao jugo dos vencedores, pelejavam ainda com ancia pela conservação da propria independencia, vendo na subjeição, tal como lh'a offereciam, um duro e insupportavel captiveiro. Os protogonistas foram tomados na raça vencida, como o exigia a natureza do sujeito, e caracterisados de sorte que não podem deixar de excitar em alto grau o interesse e compaixão devidos ao infortunio não provocado nem merecido. Assim triumpha a idéa fundamental e philosophica, que de acordo até certo ponto com a historia, e com o principio do desenvolvimento do genero humano, proclama que os indigenas deviam submetter-se á força superior da civilisação, mas que elles representam o papel de defensores do direito e da liberdade natural, entretanto que a seus contrarios n'esta lueta cabe apenas o de conquistadores e oppressores, que prevalecendo-se do logro da civilisação, a tomavam unicamente para si como instrumento exclusivo de utilidade propria, sem que consentissem em estender a sua benefica influencia até aos opprimidos para melhorar-lhes com ella a condição social, depois de esbulhados dos direitos inalienaveis, que a natureza lhes conferira ¹.

Na *Confederação dos Tamoyos*, em dez cantos de versos hendecasyllabos soltos, tiveram pois os brasileiros um poema epico de cunho verdadeiramente nacional, em que os preceitos da arte antiga appareceram modificados pelas exigencias do gosto moderno. Acção simples e unica em si, grandiosa nas consequencias, bem ligada por episodios que ora encantam pela suavidade, ora enthusiasmam pelo ardor; caracteres vigorosamente desenhados, dos quaes alguns podem disputar preferencias aos de outras celebradas epopéas; scenas e descripções variadas e fieis no rigor do termo, pelo colorido local que n'ellas transluz por toda a parte; comparações pittorescas, quasi sempre verdadeiras e frisantes; trechos abundantes de solida philosophia, e outros que por muito energicos attingem uma ou outra vez as raias do sublime; finalmente, um cabal e adequado emprego das tradições dos indigenas, e dos seus mythos e usanças: eis aqui, na opinião francamente manifestada por illustrados criticos nacionaes e estrangeiros, dotes mais que sufficientes para constitui-

¹ •Que se nam póde dar christandade a troco de servidam, antes será grave injuria pera nossa sancta fé. (D. Fr. Amador Arraez, *Dialog.* iv, cap. 26, quasi no fim.)

rem da obra do sr. Magalhães um precioso monumento da arte ¹.

Dedicado pelo seu auctor á soberana magestade do sr. D. Pedro II, este esclarecido monarcha não só acolheu a offerta com a boa sombra e gasalhado, que de costume dispensa a sabios e lettrados, mas para maior e mais particular demonstração de apreço, ordenou, segundo consta, que do poema se tirasse uma edição a expensas suas, a qual se imprimiu no Rio em 1857.

Sentimos deveras, que a indole e dimensões do presente ensaio não deem margem para tratarmos mais de espaço d'este poema, que poucos leitores portuguezes terão visto, pois que d'elle não chegaram talvez a Portugal dez ou doze exemplares ! Releva confessar que a acceitação e suffragio, que geralmente obteve do publico brasileiro, não foi tão universal e unanime, que se não levantassem contra elle alguns censores, para o julgarem, uns com severidade talvez demasiada, outros com desabrimento e aspereza, que de certo não merecia. ² Felizmente, os reparos mais attendiveis versaram na maxima parte sobre incorrecções de estylo e defeitos de linguagem, ou no prosaismo de alguns versos, que o illustrado auctor corregirá de certo na seguinte edição, fazendo com facilidade desaparecer essas pequenas maculas, nuvens em todo o caso mui rarefeitas para obscurecerem as luzes de sol tão radiante.

VIII

Os golpes repetidamente dolorosos, com que á providencia aprouve experimentar o coração do insigne poeta, permittindo que a morte lhe arrancasse dos braços tres filhos, todos de tenra idade, seus enlevos e esperanças, foram causa de que, exhalando em tristes e resignados lamentos a magoa que o pungia, elle enriquecesse depois a sua patria com as formosas composições publicadas em Paris, no anno de 1858, sob o titulo *Os Mystérios, cantico funebre á memoria de meus filhos*. N'este cyclo de poesia, dividido em oito trechos, ou *mystérios*, mais

¹ Vej. por exemplo os juisos criticos do sr. dr. José Soares d'Azevedo, na *Revista brasileira*, tomo 1 pag. 59; do sr. Wolf na obra já citada; do sr. cônego Fernandes Pinheiro, no *Curso de litteratura*, pag. 539; do sr. R. Ceroni, italiano, mencionado na *Revista popular* do Rio de Janeiro, vol. xiii, pag. 483, etc. etc.

² Quasi toda a polemica suscitada a este respeito anda espalhada pelos numeros do *Diario do Rio de Janeiro* e *Jornal do Commercio* de 1856. Imprimiram-se depois em separado as *Cartas sobre a Confederação dos Tamoyos por Ig.*, (attribuidas ao sr. conselheiro Alencar), e sahiu tambem um artigo nos *Trabalhos oratorios e litterarios* do celebre P. Mont'Alverne, opusculo publicado em 1863.

ainda que nos *Suspiros e saudades* reina (para nos servirmos da phrase de um de seus admiradores) o sentimento verdadeiramente elegiaco, a preponderancia da reflexão, e a tendencia para achar solução e consolo aos soffrimentos, duvidas e enigmas da nossa existencia terrestre, em uma fé religiosa na eternidade, e nos dogmas praticos de um christianismo positivo.

Á zelosa e incançavel solitudine do sr. B. L. Garnier, que tão activamente promove ha annos no Rio de Janeiro o gosto e commercio da livraria, já fazendo reviver em dispendiosas e acuradas edições algumas obras notaveis de antigos escriptores brasilienses, já vulgarisando egualmente á sua custa as de multos distinctos contemporaneos, deveram ainda recentemente os apaixonados das musas brasileiras mais um importante serviço: a publicação da *Urania*, selecta colleção de novos cantos do sr. Magalhães, que em um elegante e nitidissimo volume sahiu em 1862 dos prelos da imperial typographia de Vienna. A composição dos trechos ahi incluídos, e agora publicados, data comtudo de 1847, segundo affirma no prologo das suas *Brasilianas* um velho e intimo amigo do poeta, e como elle tambem poeta e escriptor mui distincto, o sr. Manuel de Araujo Porto-Alegre, cavalheiro que muito nos prezamos de considerar egualmente entre os nossos amigos e honradores, e do qual contamos occupar-nos em breve e mais de espaço, se as circunstancias nos animarem á prosecução d'estes ensaios.

A *Urania*, destinada a celebrar o amor, no que este sentimento encerra de mais puro e ideal, comprehende não menos de cem composições ou pequenos poemas no genero lyrico, escriptos com aprazivel variedade de metros, e em que a sublimidade de alguns contrasta singularmente com a engraçada singeleza de outros. É um tributo pago á ternura de uma esposa idolatrada, a quem são dedicados o livro e a maior parte dos versos que elle contém, e cujo nome (*Januaria*) por um bem combinado anagramma forneceu o proprio titulo para a colleção ¹. Se nas suas composições anteriores o poeta apparecia ás vezes como que eclipsado pelo philosopho, sacrificando a fórma ao pensamento, deu n'estas uma prova convincente aos que por ventura o duvidassem, de que os segredos da fórma lhe são tão familiares como a qualquer dos que sobre-excedem n'essa parte. ²

¹ Vej. a poesia 1.^a *O anagramma*, a pag. 5 do livro.

² O sr Raphael Coelho Machado, natural de Angra do Heroismo, compositor es-
timado principalmente no Brasil, onde professa a musica ha mais de vinte

IX

Para completar a resenha succinta dos trabalhos do sr. Magalhães, resta dizer algumas palavras dos seus escriptos em prosa. Na parte scientifica distinguem-se principalmente os *Factos do espirito humano*, livro impresso em Paris em 1858, e logo vertido em francez por M. N. P. Chansselle, cuja traducção se imprimiu na mesma cidade no anno immediato. N'esta obra (recommandavel afora outros predicados pelo de ser a primeira de philosophia escripta por um brasileiro na lingua portugueza, ainda pouco accommodada a este genero de estudos) mostra-se o auctor igualmente versado nos systemas dos philosophos antigos, e nas modernas escolas franceza, escoceza e allemã. Eclectico esclarecido, propende ás vezes para a originalidade, tanto quanto lh'o permitem as doutrinas do espiritualismo que professa, e de que as suas composições poeticas são outros tantos testemunhos.

Já em 1842 publicára no Rio de Janeiro, em fórma de breve dissertação, um *Discurso sobre o objecto e importancia da philosophia*, que não podémos ter presente.

Não devem escapar á commemoração as suas investigações ethnographicas e historicas sobre os habitantes primitivos do Brasil, de que uma parte se acha consignada na memoria que offereceu ao Instituto historico, e que este já inseriu na *Revista mensal*, tomo XXIII, com o titulo: *Os indigenas do Brasil perante a historia*. Com o zelo patriotico que o caracteriza, propoz-se ahi desfazer os preconceitos dos que pretendendo reduzir os aborigenes á classe de selvagens, os suppozeram incapazes de cultura.

A proposito da historia contemporanea da sua patria escreveu tambem *Memoria historica e documentada da revolução do Maranhão desde 1833 a 1841*, coroada pelo Instituto, e inserta no tomo XI da *Revista* d'aquella sabia corporação.

Lembraremos por ultimo os notaveis ensaios, publicados em Paris no *Nictheroy*, em 1836, a que já acima alludimos; — e o romance em prosa *Amancia*, impresso no Rio em 1844, na *Miannos*, acaba de dar á luz sob o titulo *Urania ou os amores de um poeta, album de canto nacional*, Rio de Janeiro 1864, uma apreciavel collecção de dezeseis peças escolhidas entre as do citado volume, compostas em varios estylos, seguindo em algumas os melhores modelos das escolas italiana, allemã e franceza, e empregando n'outras privativamente o gosto e estylo brasileiros. D'aqui lhe agradeçentos o bello exemplar d'esta sua nova producção, com que ha pouco nos brindou.

nerva brasiliense, jornal litterario de que o sr. Magalhães foi prestante collaborador.

E com isto damos por terminada esta primeira tarefa. Magôa-nos que a falta absoluta de conhecimento pessoal, ou de quaesquer relações directas com tão respeitavel contemporaneo, nos prive de amplial-a como desejaramos, com a noticia de outros seus trabalhos ineditos, que por ventura jazem ainda na carteira, aguardando talvez o momento opportuno da publicação.

Nos que ficam relacionados cremos haver de sobra com que ustificar o elevadissimo conceito em que é tido n'um e n'outro hemispherio, considerado como uma das primeiras summidades do seu paiz, e cidadão benemerito entre os conspiciuos da universal republica das lettras.

Lisboa 6 de agosto de 1864.

INNOCENCIO FRANCISCO DA SILVA.

P. S. Quando ao traçar este esboço nos lastimavamos da raridade d'exemplares existentes em Portugal da *Confederação dos Tamoyos* (pag. 298) ignoravamos completamente que dos prelos da Imprensa Litteraria de Coimbra estivesse prestes a sahir á luz uma fiel reimpressão d'esse poema em um volume de 16.º com 274 paginas. Por uma feliz coincidencia, na propria occasião em que reviamos as provas do nosso trabalho, acertaram de chegar-nos de Barcellos exemplares das duas tiragens d'essa reimpressão, feitas em papel de diversas qualidades, com que nos brindava o editor, nosso excellento amigo, o sr. dr. Rodrigo Velloso, que emprehendeu tal publicação com animo desinteressado, e movido simplesmente das rasões, por elle proprio explicadas no seu aviso ao leitor.

I. F. S.

POESIA POPULAR



odos os sentimentos, ainda os mais profundos, que o genio do artista consegue determinar nas suas creações, acham-se latentes no coração do povo; são elles que descobrem á mente collectiva certas verdades que a philosophia custosamente entrevê. São todos esses sentimentos que inspiram as grandes epopeas legendares, em que são heroes Prometheo, Faust, Ashaverus, Hamlet, D. Juan, trabalho de seculos, de uma formação lenta, com que a humanidade se vae perpetuando nas suas evoluções. Assim é ella infallivel como quer o audacioso Vico.

O povo tem uma fórmula poetica sua — é a legenda, a fórmula mais complexa da arte. A religião e a historia idealisa-as a seu modo; escreve-as nas pyramides, nos muros cyclopicos, no poema rude e na canção ligeira; a sua linguagem é o rythmo

e o symbolismo. Ao seu crer e sentir apropria o dogma abstracto e severo, torna-o morphico; ao Deus que se entranha nas alturas, fal-o baixar, soffrer comsigo, commuta as suas dôres, offerece-se-lhe tambem como victima sobre o altar, como os filhos de Ugolino:

Padre assai si fia men doglia
Se tu mangi di noi, tu ne vestiti
Queste misere carni, e tu le spoglia.

O dogma christão exagerado, terrivel na ascese, é modificado pelo genio popular nos principios mais fundamentaes. Se a igreja manda que a alma se despoje dos sentimentos da sua individualidade, que o corpo considerado como carcere d'ella seja macerado na lucta constante da carne com o espirito, toda esta desharmonia é esquecida por um bem ineffavel. Assim o amor de Jesus fez absolver o peccado de Eva, porque por elle nos veio um tal Redemptor:

O certe necessarium Adæ peccatum,
Quod Christi morte deletum est!
O *felix culpa*, quæ talem ac tantum
Meruit habere redemptorem.

No dualismo christão por vezes se exprimiu a supremacia do mal. «Muitos são os chamados e poucos os escolhidos.» Porém o sentimento mystico creou a syndherese, a aspiração incessante do bem. Dil-o Prudencio n'um dos seus hymnos *Ante Somnum*:

Idem tamen benignus
Ultor retundit iram,
Pancosque non piorum
Patitur perire in ævum.

A revolução que o apparecimento do christianismo produziu no mundo, a egualdade do homem, a dignidade do trabalho, a apothese da mulher, o amor universal, este grande facto

do espirito perpetuou-o o povo no poema gigante de Ashaverus. É a revelação do sentido recondito do! — caminhar! caminhar! — A humanidade retratou-se no Judeu errante. E desde que Ashaverus encetou a jornada interminavel, para de logo as instituições sociaes se multiplicaram, as relações se foram estabelecendo, a lucta das escólas philosophicas recrudesce, os cruzados alevantam-se inspirados pela fé, a cavalleria andante brilha com valor e galhardia. Os trovadores vagam cantando por toda a parte na lyra amorosa de sua crença. O amor cavalleiresco no seu platonismo apparece-nos como uma irradiação do amor divino. Que poesia não achará o peregrino, cansado de affrontar perigos, nos desertos a fera sedenta, nos mares as tempestades e os piratas, que ao cabo de annos chega a avistar do alto da montanha o seu casal ao pôr do sol, á hora maviosa das trindades! Cada badalada é como uma nota desprendida das harpas celestes.¹

O guerreiro lasso dos combates como não saberia animar as suas recordações de Solyma, sentado no limiar do tecto que lhe dava agasalho! A hospitalidade que fôra primitivamente um culto² torna-se lei mais tarde³, mas a poesia subsistiu sempre. Na antiguidade homerica e na antiguidade biblica aconselha-se o agasalho ao peregrino, porque pôde ser um Deus occulto em fórma humana, ou algum anjo enviado do céu; o mesmo apparece ainda hoje no sentimento popular. Procuremos a lei da formação da legenda.

A metaphora é uma das manifestações, a mais frequente das faculdades poeticas do espirito; é por ella que se torna sensivel o abstracto, principalmente no periodo da infancia. O que a moral antiga aconselhava, despido do véu da allegoria, foi, que o agasalho a um peregrino era uma acção boa, reconhecida pelos deuses; mas para ser entendido melhor pelas intelligencias rudes, o facto absorveu a idéa. Assim Jupiter visita Philemon e Baucis, Ceres a casa de Celeu, os anjos são recebidos por Abrahão, a quem annunciam uma progenie immensa como as areas do mar e as estrellas do céu. Descoberta a lei da legenda, isto é a materialisação da idéa no facto, forçosamente se ha de encontrar analogia com as legendas de outros povos.

Tem-na do mesmo modo os sectarios de Tao na China:

¹ Dante Purg. viii.

² Vid. Generalisação da hist. da Poesia.

³ Capitul. ann. 803.

«Tchéon-Hoei-Hoa disvellava-se esmolando os pobres, nada afrouxava o seu zelo. O deus Tchi-Kouan-Tchin-Sin mudou-se em peregrino, em mendigo para o experimentar. Tchéon apressou-se com alegria a dar-lhe a esmola e immediatamente o deus o arrebatou á mansão celeste onde elle tem o nome de Si-Hoa-Tchiu-Sin.»¹

Na hospitalidade christã, os mendigos apparecem ás vezes aos que os receberam — na pessoa de Jesus. É a idéa d'estes versiculos do Testamento: «Qui recipit vos, me recipit, et qui me recipit recipit eum qui me misit,»² traduzida pela metaphora em um factó.

S. Judicael encontra um leproso de quem a multidão foge; trata-o, e o miseravel era Jesus.³ S. Julião Hospitaleiro inspirou a Christovão Allori um quadro egual. S. Martinho dá metade da sua capa a um mendigo, mas o mendigo que assim agasalhava era Jesus. É o que se lê nos versos de uma tapeçaria da egreja de Montpézat:⁴

Quant d'Amiens Martin se partist
 Pour cheminer soubz loy panienne,
 Au pauvre son manteau partist
 Faisant œuvre de foy chrétienne.
 Lui repósant comme endormy,
 Dieu se apparut environné
 De angelz auquelz disoit ainsi:
 Martin le manteau m'a donné.

Jacques Voragine conta o mesmo na *Legenda Aurea*, quando falla de S. João Esmoler.⁵

Na poesia popular portugueza encontramos uma variante d'estas legendas, tão pura, tão repassada de sentimento, ungida de uma crença ingenua, quasi patriarchal. A fórma é quasi hymnica, para fazer sentir o jubilo do reconhecimento; ali a alma não pensa: conhece, porque sente. O genio portuguez

¹ Livro das Recompensas e das penas, trad. de S. Julien, p. 407.

² Math. x, 40. Cf. Luc. x, 16. Joan xxii, 25.

³ D'après Maury, Legendes pieuses, pag. 72.

⁴ Lobineau Vie des SS. de Bretagne, l. 2, pag. 180.

⁵ Sobre a legenda de S. Martinho ver Sulpicio Severo, c. 2, e Fortunato, Carm var. lib. 10, e sobretudo o judiciosissimo livro de Maury, Legendes Pieuses du Moyen-Age, p. 72.

deixou descobrir o seu caracter mystico, a exaltação do amor divino, não sob o fogo das imagens do ardor peninsular, mas na serenidade da consolação espiritual. Foi o povo que a contou a si mesmo que, para comprehender as palavras do Evangelho, abstractas, incoerciveis para a sua mente rude, materializou a idéa no facto; é o lavrador que vae para a sua arada e encontra sobre o pó da estrada um pobresinho. Que dialogo o da pobreza com Jesus! Que estribilho doloroso! intercortando o canto, tornando mais melancholica a molopéa:

«Indo um lavrador p'ra arada

Ai Jesus!

Encontrou um pobresinho,

Ai Jesus!

E o pobresinho lhe disse

Ai Jesus!

Leva-me n'esse carrinho,

Ai Jesus!

Levantou-se o lavrador

Ai Jesus!

A pôr o pobre no carro

Ai Jesus!

Levou-o para a sua casa

Ai Jesus!

Para a melhor sala que tinha,

Ai Jesus!

Manda-lhe fazer a ceia

Ai Jesus!

Do melhor manjar que tinha,

Ai Jesus!

De gallinhas e capões,

Ai Jesus!

Mandou-lhe fazer a cama

Ai Jesus!

Da melhor roupa que tinha;

Ai Jesus!

Por baixo lenções de linho

Ai Jesus!

Por cima cambraia fina

Ai Jesus!

Era meia noite em ponto

Ai Jesus!

O probresinho gemia
 Ai Jesus!
 Levantou-se o lavrador
 Ai Jesus!
 A ver o que o pobre tinha
 Ai Jesus!
 Achou-o crucificado
 Ai Jesus!
 N'uma cruz de prata fina
 Ai Jesus!¹
 Cala-te ahi oh lavrador
 Ai Jesus!
 Não te enchas de phantasia
 Ai Jesus!

 Onde te tenho guardado
 Ai Jesus!
 Cadeira de prata fina,
 Ai Jesus!
 Outra para tua mulher,
 Ai Jesus!
 Que tambem a merecia
 Ai Jesus!»

De todos os poetas portuguezes, depois de Garrett, o que tem um gosto delicado, uma intuição viva do sentimento do povo é indubitavelmente o sr. Castilho. Se o poeta dos *Fastos Historicos* seguisse a indole da sua musa, excederia Uhland, Bürger, Scott. Mesmo o povo portuguez ha saudado no sr. Castilho o seu interprete, vulgarisando-lhe as canções. Um dos grandes merecimentos da poesia popular do sr. Castilho, e qualidade que a torna popular, é a conformidade entre a fórma e a idéa; só o sr. Castilho nos poderia fazer rivalisar com as litteraturas estrangeiras n'estas restaurações. E que ceara tão rica de legendas, como as da nossa historia, e tão mal aproveitadas na quasi totalidade.

THEOPHILO BRAGA.

¹ O sr. José Gomes Monteiro a quem devo esta legenda popular, suppõe faltarem aqui algumas palavras do lavrador.

SONHO DE UMA NOUTE DE VERÃO

The warmest sigh that pleasure heaves,
Is cold, is faint, to those that swell
The heart where pure repentance grieves
O'er hours of pleasure loved too well!

MOORE.

I

Como é bello vagar pelas montanhas
Sob os clarões da lua enamorada!
Como é bello escutar os murmurinhos
Do ribeiro, e do vento que deslisa
Entre as ramas do val! como fascina
O canto enleador, o doce canto
Do rouxinol, que ao longe accorda os ecos
D'esta soidão de paz! — Deixar por vezes
O bulicio do mundo, e vir sósinho
Tomar todo este aroma das campinas,
É tragar liberdade, amor, e vida,
É sentir-se mais homem do que d'antes!

Mas o que digo eu? que parvo idyllio
Vou, sem sentir, traçando n'estes versos?
Errar á meia-noute sobre os montes,
Ver as bruxas folgar, contar estrellas
Como qualquer astronomico das duzias,
Dizer á viração quantos segredos
Nos estão titillando dentro d'alma,
Certamente que é bom, mas é mais bello
Dormir em fôfa cama a somno solto.

Desculpem-me as leitoras d'estes versos,
 (Se é certo que estes versos tem leitoras),
 As rajadas brutaes e grosseironas
 Que acabo de soltar; mas o que querem?...
 Amo as flores, os campos, o perfume,
 O musgo das ruinas, os gorgeios
 Da natureza toda; o que detesto
 São os vates chorões, negros vampiros,
 Cerrado batalhão que entôa nenias,
 E que atravessa o mundo entre gemidos.
 Por isso, não me inlevo apoz seus cantos
 De harmonia fatal; do proprio tumulo,
 Rozas de amor que brotam junto aos goivos
 Nós podêmos colher, e ornar a fronte!

Feita esta confissão, que talvez ache
 Muitos odios mortaes na sabia curia,
 Vou começar a historia *in continenti*.

II

O barão do Pragal era um papalvo,
 Como muitos barões, que ha quatro mezes
 Habitava uma casa em Campolide.
 Baixo, gordo, rollico, achavascado,
 Em prosa muito pouco, em verso nada,
 Tinha milhões, porém; barão da gemma.
 Sua patria era o Minho; em pequenino
 Fôra para o Brasil, como outros muitos;
 O que fez lá, não sei, mas em trinta annos
 Tornou a Portugal, pôdre de rico.

Deram-lhe uma gran'cruz, quatro commendas,
 Fizeram-o barão, par, e mais cousas;
 Juntou-se a fidalguia em sua casa,
 Velhos e moços, donas e donzellas,
 Tudo fazia a côrte ao heroe ricaço;
 E o minhoto estallava de contente.

III

Um dia sentio no peito
 Um vacuo immenso e profundo,

Em vão buscou pelo mundo
 Conforto para essa dor.
 Festas, danças, mil requebros,
 Tudo que encerra alegria,
 Tudo em balde lhe sorria,
 Porque o mal era de amor.

Amor-barão!... Ninguém pense
 Que este amor é pequenino,
 Cego, pavido, e sem tino,
 Como é costume pintar.
 Este amor é corpolento,
 Tem barriga avolumada,
 E na farda agaloada
 Duas gran'cruzes a par.

Foi deputado algum tempo,
 Mas num doce e ledó engano
 Fingio-se republicano,
 Fez-se o Marat da nação.
 Um dia, meio contricto,
 Até Roma andou caminho;
 Remio-se, — volveu ao ninho, ...
 E eis que o fizeram barão! —

Oh, como o bom do minhoto
 Andava erradio e inquieto!
 As chammas d'aquelle affecto
 Cada vez lhe ardiam mais.
 Alma accesa, alma inspirada,
 Buscava um anjo na terra,
 Como as abelhas da serra
 Buscam no prado os rosaes.

E achou! — Mimoso da sorte,
 Immolaram-lhe a belleza;
 Innocencia e gentileza
 Renderam-lhe o coração.
 Ai, como tu eras bella,
 Anjo de amor e ternura;
 Como em tua face pura
 Brilhava a alegria então!...

Eu te vi, se foi peccado,
Se te amei fero e sem tino,
É que foi negro o destino
Que os meus olhos poz nos teus.
Responde, porque sorrias
Quando de mim te apartavas?
Se ao meu lado te encantavas,
Porque me disseste adeos?...

Adeos! e eu fiquei sósinho
N'este val triste e profundo;
Um dia vi-te no mundo,
Bella, graciosa e gentil.
Lembrei-me d'aquelles sonhos
Do nosso tempo da infancia;
Senti de novo a fragrancia
Das frescas tardes de abril.

Comtigo fui, só comtigo
Folguei ditoso no prado;
Quem pensava no peccado
D'essa perfida união?...
Quando o peito arqueja livre,
Quando abrasa o sentimento,
De que serve um pensamento,
Quem se lembra dê um barão?...—

Vivemos! foi larga a vida
Que nos deu a providencia;
Senti de novo a innocencia
Dos teus affagos de amor.
Candido lyrio batido
Pelos vendavaes do norte,
Surgias então da morte
Cheio de graça e esplendor!

IV

O leitor certamente está pasmado
Do desvio da acção, dos desatinos
Com que perdi o enredo; a cousa é seria,
Confesso-o, até, com a mão na consciencia;

Porém, o que escrevi está escripto,
Nem costume emendar duzias de versos.

Quem era a bella em que fallei ha pouco?
Como a conheci eu? quando, em que tempo
Se unio ao tal barão em casamento?...
São pontos que esqueci, mas que não deixam
De ficar brevemente em pratos limpos.

A esposa do barão tinha dez annos
Quando eu a conheci; contava treze
O misero escriptor d'este poema.
Ella habitava além, n'uma casinha
Que se vê d'este monte; eu costumava
Vir passar n'este val a primavera.
Ao pôr do sol, se a tarde estava amena,
Hiámos sós vagar, sós e contentes.
Oh, como nós folgavamos no prado,
Seguindo a borboleta em tantos giros!
O lyrio, o malmequer, a flor singela
Que entre a relva desponha, a madre-silva
Que em festões se debruça pelos muros,
Tudo hiámos colher, tudo enfeitava
Nossas fronte rosadas e innocentes.

Oh, sabe Deos se a voz do amor materno
Se erguia até o ceo, pedindo benções!
Sabe Deos, quantas lagrimas furtivas
Se choravam por nós, que palpitantes
Cresciamos em paz, sorrindo a tudo!

V

Corria o tempo assim; talvez seis annos
Passámos longe, isentos d'este mundo,
Felizes n'esse amor, que então mais vivo
Já de pudor lhe avermelhava as faces.
Quem temêra de nós? quem se importára
Co'os folguedos do val, co'as longas tardes
Gastas em conversar pelas campinas? —
Quem sonhára, siquer, que um pensamento
Podia macular aquelle affecto
Nascido na innocencia?—O paraíso

Era alli para nós, o som do vento
Era um canto do céu; de noite, a lua
Banhando-nos de lua, tantas estrellas,
Tanto aroma subtil, tudo fallava,
Aos nossos corações, de um vago extase,
Como haverá no céu entre dois anjos!

Ella crescêra esplendida: o cabello,
Que em seus bastos anneis folgára solto,
Já lhe adornava em tranças luxuosas
A encantadora frente; os olhos meigos
Resplendiam-lhe subito, se ousado
Lhe pegava na mão, dando-lhe um beijo.
Então, a bocca, o seio palpitante,
A voz sonora, o corpo delicado,
Tudo eu via tremer; e nos meus braços
Vinha depois cair, qual debil planta
Que o vento fustigou, soprando agudo.

Ai, amor, deixa lembrar-me
Das venturas que logramos,
Dos dias que ali passamos
Sósinhos na solidão.
Minha alma é como a harmonia
De uma lyra espedaçada:
Murmura desconsolada
Nos sopros da viração.

Deixa lembrar-me de novo
D'aquelle prazer profundo;
Que te importa a voz do mundo
Que este affecto condemnou?
Não te creára o destino
Para mim? não te fez minha?
Pois de quem, d'onde provinha
A chamma que te abraçou?

Não! voaste do meu lado
Sem saber que era ao martyrio;
Deixavas aquelle empyreo
Buscando mais lindo céu.
Enganaram-te, mentiram
Á tua incauta innocência;

Porque deves ter clemencia
D'esse amor que não é meu?

Não foi comigo tranquilla
Que passaste a mocidade?
No vago da immensidade
Não fui eu que te guiei?
Não foi para mim que, alegre,
Colheste tantas boninas?
Tantas delicias divinas
Não fui eu que t'as sonhei?

Porque brilhaste ao meu lado?
Porque sorriste contente?
Esse amor casto, innocente,
Não se fadára nos céos?
E então devia quebrar-se
Aquelle affecto profundo,
Porque alguém houve no mundo
Que te fez dizer-me adeos?...

Não creias!—e tu não creste
N'essa illusão mentirosa;
Meiga, santa e venturosa
Sempre ao meu lado te vi.
Dava-te força o destino,
Sorrias vendo-te minha,
Que era do ceo que provinha
O fogo que ardia em ti.

Bem haja! que inda esse tempo
Tem mais ventura escondida,
Do que tem magoas a vida
Que depois cá nos ficou.
Inda temos a harmonia
D'aquelle prazer profundo,
Que responde á voz do mundo
Que este affecto condemnou!

(Continúa.)

E. A. VIDAL.

CHRONICA SCIENTIFICA

Do uso do microscopio — Mystérios que o microscopio descobre — Distineção entre vegetaes e animaes microscopicos — Constituição das plantas rudimentares — Germinação e reproducção n'estas plantas — Methamorphoses — Movimentos de plantas — Plantas animadas — Transformação de uma planta em animal — Plantas envolvidas em conchas — Massas enormes de conchas microscopicas fosseis — Dos bolores — Bolor mudado em animalculo — Poder dos bolores — Fermentação — Doenças.



s rapidos aperfeiçoamentos, que nos ultimos annos tem tido a construcção dos microscopios, tornaram este maravilhoso instrumento um dos mais poderosos e mais seguros meios, de que hoje dispõem os naturalistas para investigar profundos segredos da natureza viva. Pelo microscopio póde a vista penetrar n'esse mundo mysterioso, variadissimo nas fórmas e nos phenomenos vitaes, que pela sua nimia pe-

quenez escapa inteiramente á observação, sem o auxilio dos meios artificiaes, que ampliam a imagem dos objectos e nos dão como um novo sentido, muito mais perfeito do que a visão natural.

É pelo uso do microscopio que a sciencia tem podido surprehender a natureza no acto da reproducção, alimentação, crescimento, e methamorphozes dos seres organisados; todos estes phenomenos vitaes são mais simples, e por isso mais comprehensíveis nas organizações singelas que o microscopio nos permite observar, do que nas organizações complexas das plantas e dos animaes mais perfectos. O microscopio póde originar notaveis illusões, e levar alguns observadores, mais entusiastas do que reflexivos, a erros graves; porém a perfeição dos modernos instrumentos, as lições da experiencia, assim como a mutua fiscalisação que uns sobre os outros exercem os numerosos observadores, que

hoje se occupam da microscopia, tornam menos provaveis as illusões e menos faceis os erros. Apesar dos trabalhos incessantes de muitos observadores, e não obstante o muito que se conhece já ácerca d'esses seres vivos, que pululam em miriades n'uma gota de agua, ou de um liquido fermentescivel, no ar que nos circunda, nos tecidos vivos ou mortos das plantas e dos animaes de todas as ordens, e até nos nossos proprios órgãos, muito ha ainda por descobrir pelo emprego do microscopio, e muitos problemas dos mais transcendentos, e entre estes o das *gerações expontaneas*, isto é, da producção de seres organicos, sem predecessores, cujos elementos primordiaes são tirados da materia ambiente, esperam do uso do microscopio a sua solução definitiva.

O emprego do microscopio descobre-nos nos liquidos, que se nos figuram mais puros e transparentes; nas gotas de humidade, que se prendem ás folhas, ou imbebem a terra, ou os corpos organisados; no orvalho; na agua da chuva; no ar das cidades, dos campos, e até mesmo das montanhas; nos tecidos ou nos liquidos das plantas e animaes vivos ou mortos e já em decomposição; descobre-nos enfim em toda a parte seres organisados, mais ou menos complexos, que se podem, em geral, grupar, uns entre os vegetaes, outros entre os animaes; dando comtudo muitos origem a duvidas sobre a posição natural que lhes pertence n'um ou n'outro dos dois reinos organicos, já pela sua organização, já pelos phenomenos vitaes que manifestam. É do estado em que se acha o estudo do mundo microscopico, e dos graves problemas que mais proximamente se ligam com esse estudo, que desejamos dar hoje breve noticia aos nossos leitores.

Para estabelecer uma distincção clara e positiva entre os dois reinos, o vegetal e o animal, que possa applicar-se ás organizações singelissimas de que o microscopio nos revela a organização e modo de ser, não tem a sciencia nenhum principio absolutamente rigoroso; e por isso muitos d'esses organismos tem sido reclamados, já pelos botanicos, já pelos zoologos; querendo uns consideral-os vegetaes em virtude da sua constituição, outros animaes em consequencia dos movimentos que executam; procurando os primeiros demonstrar, pela analogia no modo de crescimento, que elles devem incluir-se nas plantas, outros querendo tirar de algumas particularidades de organização argumento para os classificar animaes; sendo comtudo para notar que, n'esta lucta curiosa e instructiva, a botanica tem alargado os seus dominios á custa da zoologia. De todos os limites, que se podem traçar entre as plantas e os animaes n'estes confins extremos da organização, o que parece mais racional, por mais de accordo com os factos geraes da vida nas duas grandes divisões do mundo

organico, é o que se funda no modo de alimentação : considerando-se plantas os seres organizados dotados da faculdade de tirar a sua alimentação, por meio de órgãos externos, das substancias inorganicas; e animaes os que se alimentam de substancias organicas, recebidas e modificadas na parte interna do seu corpo. Aceitando este limite, como o mais natural, vemos que nos seres classificados entre os vegetaes se encontram organisações geralmente simples, ainda que algumas por extremo curiosas, principalmente em relação aos modos de se reproduzirem; e que o elemento fundamental d'essas organisações é comparavel ao dos mais perfeitos e grandiosos vegetaes.

Os mais simples organismos vegetaes são unicamente compostos de uma bolsa ou cellula proximamente esferica, formada de uma substancia mais ou menos mole, semi-fluida ás vezes, e cheia de um liquido, tendo em suspensão numerosissimas granulações coradas, além de um corpo, um pouco maior do que estas granulações, a que se dá o nome de *nucleo*. Por successivas modificações a materia liquida e granulosa que enche a cellula separa-se em duas, e ás vezes em mais porções, que successivamente se vão arredondando, se envolvem n'uma camada gelatinosa e transparente, e formam cellulas distinctas, que se libertam por fim da cellula materna, e vivem por si, dando pelo mesmo processo de subdivisão origem a cellulas novas. É este um simples acto de crescimento, analogo ao dos tecidos que compõem as plantas mais perfeitas; uma germinação, e não uma verdadeira reproducção.

Apesar da sua notavel singeleza, estas plantas rudimentares apresentam phenomenos de geração, comparaveis aos que se observam nas flores das plantas mais complicadas e perfeitas. As nupcias d'estes seres, constituídos por uma cellula unica, reduzem-se á aproximação de dois individuos, á união intima, e por fim á fusão de um no outro, formando um corpo globoso, uma semente rudimentar, um *esporo* capaz de reproduzir a planta. São estes esporos destinados a perpetuar as plantas, nos periodos em que as condições meteorologicas, o calôr e a secura principalmente, interrompem a vegetação normal, o desenvolvimento dos seres por subdivisão.

Em plantas de extrema simplicidade, igualmente constituídas de uma simples cellula, tem os microscopistas observado phenomenos extraordinarios de metamorphose. N'estas plantas, de que pôde tomar-se para typo uma que muitas vezes se observa nos depositos de agua de chuva, o *Protococcus pluvialis*, observam-se diversos estados perfeitamente distinctos. Em certas condições a planta apresenta-se como uma simples cellula, contendo um liquido glutinoso, transparente e incolor, em suspensão no qual se observam granulas verdes ou amarellas. N'estas cellulas manifesta-se a multiplicação por

subdivisões do liquido e das granulações n'ella encerradas: depois do phenomeno da subdivisão se haver repetido algumas vezes passa-se na plantinha uma curiosa methamorphose. Em vez de cellulas «estaveis» formam-se uns corpos de fórma variada, compostos pela maior parte do liquido glutinoso que enche as cellulas, apenas revestidos por uma tenue membrana, e ornados n'uma de suas extremidades de dois filamentos tenuissimos, que vibram com grande rapidez, e imprimem a esses corpos movimentos comparaveis aos dos *animalculos*, de que o microscopio nos tem dado a conhecer a organisação e caracteres. Estas cellulas moveis, resultado de uma verdadeira metamorphose das cellulas estaveis, tambem se multiplicam por segmentações successivas; até que, dando-se uma segmentação do liquido plastico que enche as cellulas moveis em muitas divisões, estas, ao que parece, podem originar de novo as cellulas fixas. O calor ou o frio, a humidade ou a seccura influem sobre a natureza das cellulas que, por multiplicação, se formam do *Protococcus pluvialis*. Sob a fórma de cellulas estaveis, contendo granulações vermelhas, esta planta póde seccar totalmente, e conservar-se assim por muitos annos, sem perder a faculdade de reviver e de se reproduzir, quando venha a achar-se em condições para isso opportunas.

Movimentos como os que se observam nas plantas rudimentares, de que acabamos de dar uma breve noticia, encontram-se tambem em outros seres organisados de composição muito mais complicada, mas que, sem duvida, se devem classificar entre os vegetaes. Das plantas mais simples, dotadas de movimentos rapidos e complicados, merecem citar-se as denominadas *Volvocinias*, de que existe uma grande quantidade nas aguas esverdeadas de alguns tanques e lagos em Lisboa. Estas plantas passaram entre os naturalistas, muito tempo, por verdadeiros animaes; comtudo a sua maneira de viver, a sua reprodução, os caracteres chimicos das substancias que as compõem e a analogia manifesta que tem com plantas cellulares dotadas de movimentos, tudo torna hoje incontestavel a opinião de que os *volveox* são vegetaes. Constam estes vegetaes, no seu estado completo, de um sacco esferico, marcado regularmente por pontos verdes, ás vezes unidos entre si por traços tambem verdes, que dão ao exterior da cellula a apparencia de uma rede delicadissima: de cada uma das pontuações verdes nascem dois longos filamentos vibrateis, que se movem simultaneamente e imprimem aos *volveox* movimentos variados. Dentro do sacco piloso existe um liquido e um numero mais ou menos consideravel de globulos escuros, uns mais pequenos fixados á parede interna do sacco membranoso, e outros maiores e já cobertos de filamentos vibrateis. Quando estes globulos attingem dimensões relativamente consideraveis, a cellula que os contém ras-

ga-se, e elles começam a viver sobre si como seres distinctos. Nas cellulas dos *volvox* observam-se pequenos espaços arredondados, abertos no interior do liquido glutinoso, os quaes apresentam um curioso movimento de contracção e dilatação, comparavel aos movimentos rythmicos do coração.

N'estas plantas, como nas menos complicadas de que fallamos anteriormente, ha, além das cellulas com movimento, outras estacionarias, destinadas tambem para a propagação. Em vez de se formarem corpos arredondados e dotados de motilidade, formam-se dentro de alguns *volvox*, no fim do outono, massas irregulares de substancia gelatinosa, em que ficam engastadas as cellulas verdes. Estes corpos são privados de movimento e destinados á propagação.

N'um estudo feito ultimamente sobre estes curiosos seres organizados, o dr. Hicks teve occasião de observar um facto, que mostra de um modo evidente as estrictas relações, que ligam os reinos vegetal e animal n'estes limites inferiores da organização. Este observador sagaz descobriu, que algumas vezes as cellulas rudimentares crescem mais do que de ordinario; perdem a côr, tornam-se irregulares na fórma, e adquirem a faculdade de se mover, não por meio de filamentos vibrateis, porque não apparecem n'este caso, mas por uma especie de contractilidade da membrana, que forra exteriormente estes corpos; em tudo comparaveis ao de certos animalculos de organização singelissima, a que os microscopistas deram o nome de *Amæba*. Qual é a funcção d'estes corpos na vida dos *volvox*? É um segredo ainda para os naturalistas.

Além d'estes diversos modos de multiplicação, que devem considerar-se como uma verdadeira *germinação*, tem os *volvox* uma reproducção generativa, segundo o dr. Cohn. Alguns d'estes seres, distinctos entre os outros pelas suas dimensões mais consideraveis e pelo maior numero de cellulas rudimentares, que contém encerram uma cellula alongada e interiormente verde; e outra que se enche de corpusculos compridos e delgados, n'uma das suas extremidades terminados por dois filamentos vibrateis: d'estas duas cellulas, a primeira representa o sexo masculino, e a segunda o femenino. Quando chega a época da maturação rompe-se a cellula maxa, e saem os corpusculos alongados, movendo-se com notavel velocidade, espalhando-se no interior do *Volvox*; alguns adherem á cellula femea, e por fim fundem-se totalmente n'ella. D'este acto de «conjugação» resulta um *globo* reproductivo, um *esporo*. Este phenomeno curiosissimo é uma representação, em miniatura, da fecundação e reproducção de muitas plantas, se não de todas.

Organizações curiosas, tanto quanto diversas das que nós conhecemos, pelo estudo dos seres accessiveis á vista, desajudada de instru-

mentos de amplificação, as *diatomaceas*, sendo verdadeiras plantas, apresentam-se envolvidas n'uma concha, e com movimentos comparaveis aos de alguns animaes inferiores.

As *diatomaceas* são pequenissimos seres organisados, que se encontram em abundancia nas aguas correntes doces e salgadas, entre as pedras nos leitos das torrentes alpinas, nas lagoas e pantanos. É tão rapida a sua multiplicação, e é tal a sua abundancia que, ás vezes, estas plantas tornam menos profundos os portos de mar e in-navegaveis os canaes. Depositos enormes de *diatomaceas* se encontram em diversos logares de terra: em Victoria, a 70° de latitude sul, observa-se uma camada de *diatomaceas*, de que a espessura não é conhecida, mas cuja extensão excede 400 milhas de comprimento sobre 120 milhas de largura. Camadas de conchas d'estas singulares plantas se acham em muitas outras regiões; nos terrenos proximos do Mediterraneo avultam alguns d'esses depositos: a cidade de Richmond, na Virginia, está construida sobre um banco de esqueletos silicioso d'estes seres microscopicos.

As *diatomaceas*, que n'estes ultimos annos tem sido objecto dos longos e pacientes estudos dos microscopistas inglezes, são constituídas por uma simples cellula, exteriormente revestida de uma crosta de silica, delicadamente bordado de linhas, de pontuações de malhas, e de florões em relevo, O interior de cada cellula está cheio de materia granulosa, córada mais ou menos de amarello escuro, em suspensão n'um liquido incolôr e viscoso, egual ao que se encontra nas cellulas das outras plantas: ás vezes, no meio da materia granulosa, cuja composição é, com pouca differença, egual á substancia verde dos vegetaes, encontra-se um corpo maior do que essas granulações egualmente córado, e proximamente esferico, a que os microscopistas dão o nome de nucleo. Umas vezes cada individuo vive isolado; outras conservam-se unidas muitas cellulas, formando verdadeiras collonias, mas tendo ainda uma vida propria e independente.

As conchas das *diatomaceas*, as *frustulas*, como lhes chamam os naturalistas, são formadas de duas valvulas simetricas, e exactamente unidas pelos bordos, nas plantas novas. Á medida que crescem as plantas, forma-se, entre as duas valvulas da concha, um como anel silicioso, que a ellas se interpõe; a *diatômacea* muda de fôrma, a cavidade interna cresce, e por fim ha um desdobraimento da planta em duas perfeitamente distinctas e independentes; cada um dos novos seres leva consigo metade do liquido viscoso e da materia granulosa, que enchia a planta primitiva, sendo formada a concha de metade da *frustula* d'esta planta, e de uma valvula que se desenvolve no acto da multiplicação. Além da multiplicação por subdivisão, reproduzem-se as *diatomaceas* por *conjugação*; approximando-se duas

d'estas plantas pelas roturas das valvulas, trocando entre si a materia córada e o liquido viscoso que as enche, e resultando d'essa coalescencia, uma ou duas sementes rudimentares, um ou dois esporos.

Alguns esporos d'este curioso grupo vivem fixados, por um pediculo flexivel, aos corpos que fluctuam ou se acham fixos no fundo das aguas; outros, livres, manifestam movimentos espontaneos, a maior parte das vezes bruscos e intermitentes. Estes movimentos observam-se bem nas *diatomaceas* ponteadas, que pertencem ao grupo das *Naviculas*, e de que se acham numerosos exemplares nos lagos dos jardins de Lisboa.

Entre as fórmas inferiores de organização, que devem considerar-se como pertencendo ao reino vegetal, são notaveis, pelo modo rapido do seu desenvolvimento, pela uniformidade dos seus órgãos de nutrição, pela variedade e grandeza relativa que n'elles tem os órgãos de reproducção, e pelas circunstancias em que vivem, os *fungos*, ou cogumellos. É sobre materias organicas em decomposição, e nos liquidos em fermentação, ou nos tecidos dos seres vivos em particular estado de alteração, que essas organizações inferiores, e ephemeras, apparecem e se desenvolvem mais ou menos completamente. Todos sabem com que rapidez os bolores cobrem as substancias organicas, e tem notado a variedade de côres com que ás vezes elles matizam, quasi instantaneamente essas substancias. Os bolores são as fórmas mais simples, as fórmas microscopicas dos *fungos*. Onde uma cellula se decompõe, onde um liquido organico se altera, apparece um bolor: a vida, na sua fórma mais singela, vem apoderar-se immediatamente dos compostos organicos, que a morte poz em liberdade. Em quanto os outros grupos vegetaes gozam da propriedade de se nutrirem (mais ou menos completamente de substancias inorganicas), os cogumellos só vivem de substancias organicas; mostrando assim notavel analogia com os animaes, a que, em outros caracteres, sobre tudo de composição chimica, notavelmente se assemelham.

Os bolores são constituídos de fios cellulosos de uma extrema tenuidade, cheios de liquido incolor; estes fios apresentam-se umas vezes nadando em liquidos e como formando flocos de materia gelatinosa, outras sobre substancias solidas, mais ou menos humidas, com a apparencia de tenues fibras de lã ou de algodão. O conjuncto d'estes tecidos, simples e uniformes, constitue o denominado *micelio*, e é a porção do fungo destinada para a função alimentar. Sobre o micelio dos bolores dissolvem-se muitas vezes diversos corpos cellulosos, destinados para a reproducção; umas vezes são saccoes cheios de numerosissimos esporos, que representam, em relação a estas plantas rudimentares, o mesmo que as sementes nas plantas superiores: outras

vezes os órgãos de reproducção são cellulas isoladas, ou unidas umas ás outras como as contas de um roاريو, as quaes, separando-se, vão reproduzir a planta. Ás vezes não ha distincção alguma entre as cellulas destinadas á alimentação, e as destinadas á reproducção; cada pequeno sacco transparente e cheio de liquido, a que chamamos cellula, exerce simultaneamente as duas funcções. A faculdade de reproducção n'estas plantas é, por assim dizer, infinita: não só porque cada cellula reproduz os holores, como por gemação, senão tambem porque o numero de esporos, que um só individuo pôde produzir, é realmente prodigioso. N'um só individuo de uma especie muito simples de cogumello mostra-se mais de dez milhões de esporos, e tão tenues que o ar os pôde transportar a toda a parte, onde podem chegar os mais imperceptiveis grãos de pó.

Dando noticia d'estas singulares organisações, que todos conhecem, mas cuja formação, e, sobre tudo, o modo de reproducção, é ainda em grande parte um mysterio, mesmo para os naturalistas, não devemos deixar no esquecimento a extraordinaria transformação de um holor n'um animal rudimentar, que observou e descreveu o dr. de Bary. Collocando na agua os esporos de um holor, que, com frequencia, se desenvolve nas cascas de carvalho, que serviram para cortir substancias animaes, o dr. de Bary observou, que a membrana exterior se rompe, saindo para a agua os seus contentos em fôrma de cellulas, apenas formadas por uma membrana tenuissima: depois, cada uma d'estas cellulas adquire dois filamentos vibrateis, e se agita velozmente no liquido, até que, ao cabo de alguns dias, perde esses filamentos, augmenta consideravelmente de volume, apresenta prolongamentos irregulares em alguns pontos da sua superficie, e executa movimentos lentos, em tudo iguaes aos que se notam nos animalculos denominados *Amœbæ*, com quem estas singulares organisações em tudo se parecem: no interior d'estes *animalculos*, segundo o dr. de Bary, observam-se particulas organicas, taes como cellulas de algas, esporos de fungos, etc., que parecem destinadas para a alimentação.

Apesar da sua simplicidade e diminutas dimensões, os holores exercem uma grande influencia na vida do homem. As fermentações uteis ou funestas são o resultado do desenvolvimento de um fungo especial: muitas doenças, que perseguem os animaes e os proprios homens, são o resultado de parasitas pertencentes a este grupo; os teriveis flagellos, que, n'estes ultimos annos, tem atacado muitas especies de vegetaes uteis, resultam da acção destruidora de fungos rudimentares.

O fermento da cerveja é quasi totalmente constituido de cellulas isoladas e redondas. Quando o fermento é collocado n'um liquido

fermentessivel, cada cellula emite uma ou duas projecções, que rapidamente chegam ao estado de cellulas perfectas; e assim se vão formando fios de cellulas semelhantes a rosarios, em quanto dura a fermentação. Quando esta acaba, as cellulas desarticulam-se geralmente umas das outras, conservando a faculdade de reproduzir-se, quando postas em condições apropriadas. A formação das cellulas novas, a este acto de vitalidade, é devida a decomposição das substancias organicas fermentessiveis, e a criação dos novos compostos, que são o resultado da fermentação. A transformação do alcool em vinagre, a fermentação que produz este resultado, é devida a um holor constituido por cellulas curtas e deprimidas, que se dispõem em longos rosarios, e cuja organização é feita á custa das substancias que ficam livres, no acto da transformação que dá em resultado o vinagre: para produzir vinagre o melhor methodo é *semear* o pequeno cogumello, tirando-o de um liquido que esteja em fermentação: o emprego de vasilhas, em que já se fez vinagre, é muito conveniente para facilitar a fabricação d'este util acido. É ainda esta planta que faz azedar os vinhos; e é separando o vinho, ainda não muito alterado, do fermento, que se pôde impedir a sua total transformação, quando se manifestam phenomenos de acidificação. O amargor, alteração frequente em alguns vinhos, é devido a uma especie de fermentação causada por uma determinada especie de holor, caracterizado por filamentos augulosos e como cheios de nós. Outras alterações dos liquidos alcoolicos são devidas igualmente á acção poderosa de determinadas especies de plantas cellulares, no acto de formação, sobre a composição chimica dos liquidos em que se desenvolvem. Os importantes estudos, de que o sr. Pasteur deu noticia á Academia das Sciencias de Pariz em janeiro d'este anno, lançam uma viva luz sobre os phenomenos de fermentação dos vinhos, e devem ser de grande utilidade industrial, logo que se tornem geralmente conhecidos.

Graves doenças de estomago, dos pulmões e da pele dos animaes, e mesmo do homem, são devidas a bolors parasitas. A *sarcina ventriculi*, que se desenvolve ás vezes em quantidades prodigiosas no estomago do homem, é origem de graves symptomas pathologicos. Ha tempo tivemos occasião de observar um curioso holor, que se havia desenvolvido no pulmão de uma mulher, e fôra achado pelo nosso amigo e habil microscopista o sr. May Figueira. Na thizica, segundo as ábservações do sr. Hall, apparecem organizações vegetaes rudimentares. Algumas doenças da boca, dos bolbos dos cabellos, e da pele, são evidentemente o resultado do desenvolvimento de parasitas vegetaes. Uma das doenças, que tem produzido maiores estragos nos bichos de seda, é causada por um holor, cujo micelio se

desenvolve dentro dos tecidos do animal, saindo para o exterior as hastes cellulares, sobre as quaes se desenvolvem os orgãos da reproducção.

Nos vegetaes de superior organisação tambem ás vezes se desenvolvem, como parasitas, bolores de diversas especies. A doença das batatas é devida a um fungo parasita: a doença das vinhas, como todos sabem hoje, é devida a outra parasita da mesma natureza. As variadas doenças dos cereaes são, quasi todas, devidas a fungos parasitas, ou pelo menos invariavelmente acompanhados por elles.

Estas rapidas indicações bastam, para se avaliar a consideravel importancia dos vegetaes microscopicos, e a luz que o seu estudo minucioso e profundo póde vir a lançar sobre muitos phenomenos, que são ainda hoje mysterios, que a sciencia não poude penetrar.

Esta breve descripção de algumas das fórmãs mais simples, e ao mesmo tempo mais excepçionaes, das plantas microscopicas, que vivem nas aguas e logares humidos, que se desenvolvem sobre os seres organisados vivos ou mortos, que se propagam por toda a parte com rapidez pasmosa, e levam a vida e o *movimento* a todos os logares da terra, onde ainda que seja por curtos periodos, se encontram as condições proprias para a manifestação da vida; esta curta noticia das vegetações rudimentares é talvez insufficiente para se fazer idéa da riqueza de fórmãs, variedade de phenomenos vitaes, e prodigiosa propagação, que se observam n'esses limites inferiores da organisação vegetal; bastará ella comtudo, segundo suppomos, para se avaliar o interesse que merecem os trabalhos dos microscopistas, não só em relação ao estudo da natureza, senão tambem em relação á industria e á saude dos homens.

Na *chronica* immediata daremos noticia de algumas das organisações rudimentares, que devem ser classificadas como animaes.

J. D'ANDRADE CORVO.

CHRONICA DO MEZ



historia do homem Charles é uma serie de vicissitudes. Não supponham que por fazer officio de deitar gente ao chão, este ente extraordinario deva ser considerado pela posteridade como um volume de victorias e conquistas! Longe d'isso. Tem-lhe acontecido peor do que cair: — tem estado sem se poder levantar! Como todos os que teem a questionavel ventura de sairem do nivel, este pobre triumphador não tem preci-

sado apenas fazer-se perdoar suas derrotas, mas tambem, e principalmente talvez, as suas victorias. Ralha-se com frequencia da animosidade que reina entre os homens de lettras, e da inveja que os predomina; toda a gente é a mesma, e o publico, em questão de inveja, é um litterato em ponto grande; esse mesmo Charles, esse luctador de praça do Salitre, esse desgraçado que vive de levar encontrões, de lhe rasgarem a carne com as unhas, de lhe atirarem das trincheiras com patacos e batatas, esse mesmo Charles no dia em que o deitarem a terra terá muito menos inimisades, do que em quanto derrubar os outros.

Quando elle appareceu em Lisboa da primeira vez, em 1855, nem a burguezia nem o povo formavam idéa do que vinha este pimpão aqui fazer. Uns tinham-o por jogador de murro de primeira força, *boxeur* experimentado nas barbaras pugnas de socco com que a Inglaterra se recreia e nas quaes tantos *lords* e tantos negociantes empenham enormes apostas por um ou outro dos contendores, satisfeitissimos da festa em o troar do murro se fazendo ouvir a um quarto de legua de distancia.

Outros diziam simplesmente :

— É um impostor !

Ou :

— É um brigão de feira !

Ou mesmo :

— É um assassino !

Alguns inimigos da união iberica, questão que n'esse tempo andava a ferver, tiveram uma lembrança boa e disseram :

— É um hespanhol !

Á excepção de toda a gente que foi vêl-o ao Salitre, porque essa ao avistal-o anafado, enorme, momentoso, gigantesco, impossivel, disse :

— É um elephante !

Tambem é justo confessar que o dono da praça antes de o vêr despido, e simplesmente ao fazer o contracto com este *rei dos luctadores*, recolhera o seu espirito, por instantes, para melhor ponderar entre si qual o conceito que lhe cumpria formar d'esse ente volumoso e caçapo, e concluíra dizendo :

— É talvez um hippopotamo !

Além d'isto tudo, parecia tambem, deve declarar-se para não nos accusarem de omittirmos a minima circumstancia, — parecia tambem, pelo menos aos seus amigos, affeioados, sympathicos, a todos emfim que o viam com bons olhos :

— Uma velha gorda, no entrudo, vestida de homem !

No emtanto, affixaram-se cartazes, appareceu o heroe pintado n'uma estampa commemorativa de seu provavel triumpho, representando-o apanhando *á mão*, por não dizer *á unha*, um membrudo latagão, que a natureza confeccionára talvez menos vantajosamente do que o desenhista. Abriram-se as portas, ao chegar do grande dia, a xaranga advertiu os habitantes da capital de que era essa emfim a tarde por excellencia, os contractadores de bilhetes pejaram as ruas do bairro apregoando-os a libra, e diversos soldados de cavalleria municipal estacionaram defronte do circo para darem ares de perigo a uma lucta aliás mui amigavel.

Então, o publico em presença de tanto arruido lembrou-se de ir á funcção, e o povo considerando tanto soldado lembrou-se de fazer desordem.

Porque, diga-se aqui de passagem, o nosso povo, que nem embirra com os ministros nem com os recebedores de decima, emprega toda a sua bilis nas auctoridades policiaes. Nas toiradas, moteja do administrador, apupa o intelligente, grita contra qualquer determinação da presidencia, e delicia-se em estar do lado do que infringe a lei. Na rua, se um soldado prende um larapio, tenta logo

proteger o larapio contra o soldado. Na igreja, pelas festividades da semana santa, se alguém pratica um atrevimento ou um indecoro e o cabo de policia deita a mão ao que commetteu actos indignos, todos clamam a uma voz «Larga o homem!» apesar de se queixarem muito da falta de policia na nossa terra, se um bregeiro no dia seguinte lhes fizer o mesmo a alguém da familia!

Por isso, o povinho vendo muitos soldados na rua e muitos soldados no circo, eutendeu que a melhor maneira de embirrar com elles era embirrar primeiro com o luctador; e então, ainda o homem não apparecera e já tudo era vozeria contra o estrangeiro que vinha aqui *desafiar a nação e desfeitear os portuguezes (sic)*!

Finda a festa, o rapasio, irritado de que o heroe não houvesse sido derrubado na arena, propoz-se a derrubal-o na rua; intervindo a força armada, o povo, na sua ira contra o poder, juntou-se aos gaiatos; a multidão assumiu o seu ar feroz de turba bruta; fallou-se em vingança, gritou-se morte, luziram navalhas; o commandante Bravo, aquelle excellente homem que já descança em paz, fez um discurso á sedição; elles diziam n'essa noite: «se não fosse o Bravo *fallar uma falla á rapasiada*, haviamos de ver se as tripas do pimpão são mais grossas que as dos mais!» O Charles atravessou tudo isto com a serenidade sublime dos saltimbancos, que nenhuma extravagancia da multidão surprehende, e, duas horas depois da quasi matança do Salitre e do Rocio, achava-se no Café Suisso tomando alguns barris de cerveja distribuida em garrafas para maior regularidade, e, heroe de um dia, desapareceu logo dos cartazes, dos jornaes, e das conversações, sumindo-se de Lisboa, e apagando-se até na lembrança dos lisboenses.

Decorreram oito annos sem mais ninguem fallar d'elle entre nós, e sem eu ter encontrado uma só vez o seu nome nas folhas estrangeiras ou na memoria dos viajantes. Ha quatro mezes chegando eu de Paris, vi o annuncio de uma mulher com barbas, e fui ver as barbas da mulher.

Era, bem se lembram, perto do palacio da baroneza da Regalleira, n'uma loja mais illuminada por fóra que por dentro, dividida por um balcão, com logares para duas classes. O meu bilhete auctoritava-me a passar o Rubicon, não digo bem, a passar o balcão: achei-me ao lado da mulher barbada e de um homem vermelho e gordo, conservando na mão um velho chapéu de palha com ar mais triste que reverente, e explicando em perfido portuguez as prendas rarissimas da dama que se mostrava.

Nem a cabeça larga e loira, nem o amplo cachaco, nem o olhar vago e azulado d'aquelle homem me eram estranhos. Havia-o visto já fosse onde fosse, e tinha o sentimento de que, por qualquer mo-

tivo, eu havia notado esse homem com attenção quando da primeira vez o vira.

Mas, ao tempo d'estas reflexões, estava elle dizendo a sua ladainha de pregoeiro de barraca, e procurei convencer-me de que não podi^a haver-me impressionado em época alguma esse desgraçado que nem sequer era companheiro de uma artista, mas de um monstro!

De repente, não sei como, acudiu-me á idéa o luctador Charles, e tentei explicar a sua semelhança pela circumstancia de serem talvez irmãos. Aproveitei um momento em que a mulher se mostrava a uma familia que chegára depois de mim, e depois de fallar ao homem vermelho da famosa Marie Barbe, que eu havia visto dois annos antes em Paris no Café de la Terrasse, perguntei-lhe mui naturalmente se elle conhecia um tal Charles luctador.

— Um americano? retorquiu elle.

— Não sei se o é; um luctador de circo, que se parece immenso comsigo!

— Ah! Eu conheci um Charles, luctador, e será talvez esse. Elle esteve em Lisboa?

— Esteve.

— Ha muito tempo?

— Ha oito annos.

Houve uma pausa, durante a qual elle pareceu ir-se atraz de uma idéa. Depois:

— É francez, o senhor? perguntou-me elle.

— Sou portuguez.

— Os portuguezes fallam as linguas com uma facilidade que me surpreendeu sempre!

— É todavia a primeira vez que vem a Lisboa?

— Não, disse elle com um singular sorriso; passei aqui ha annos, mas demorei-me apenas alguns dias.

Houve uma nova pausa, durante a qual olhei de novo para a mulher barbada. Um instante depois, o homem vermelho perguntava-me com um ar de indifferença:

— Esse Charles luctou em Lisboa?

— Luctou, sim.

— E... que tal?

— Bem. Era um homem forte e agil, que entendia da sua arte.

Houve uma pequena pausa outra vez, durante a qual elle me mediu todo com o olhar; depois, parecendo ter-se esquecido do que eu lhe dissera já, perguntou-me de novo:

— O senhor é francez?

— Portuguez, homem! Já lhe disse uma vez.

Elle callou-se. Ainda ali me demorei instantes, mas não conversá-

mos mais. Quando me levantei dei-lhe as boas noites, e saf. Elle respondeu-me com ar distrahido :

— Boa noite !

Em seguida, quando eu chegava á mesa do que vendia á porta os bilhetes, ouvi uma voz dizer-me «Perdôe!» e senti um braço encaminhar-me para um recanto ; era o homem gordo, o homem vermelho, que, estendendo-me a mão e apertando a minha, me disse em voz baixa, n'um tom mysterioso e dramatico :

— *C'est moi !...*

Tão surprehendido de o encontrar ali como do disfarce que elle soubera conservar comigo, balbuciei apenas :

— E porque motivo...? interrogando-o ainda mais com o olhar do que com a palavra.

— Porque motivo me encontra aqui?! Perguntémol-o á desgraça. Pobre, roubado, arruinado, perdido, achei-me, no fim de reveses de toda a especie, reduzido a ganhar o pão por este rumo. Nem conheço esta mulher que acompanho, nem entendo a lingua em que faço as explicações a respeito d'ella. Lembrei-me de fallar portuguez, como me lembraria de fallar turco se fosse necessario ; a extremidade da desesperação tem d'estes expedientes. Esta gente que ahi vem para os segundos logares, encostar-se ao balcão e puchar pelos cabellos d'esta pobre creatura condemnada pela natureza a mostrar-se por dinheiro para poder viver, foi a mesma que ha oito annos me apupou. Olham para mim sem me reconhecerem, e escutam a minha prelenga com um sangue-frio que eu lhes não suppunha !

— E agora ? E depois ? E d'aqui em diante ? perguntei-lhe eu.

Elle pareceu scismar por um momento, depois retorquiu n'um tom de esperança, em que pareciam sentir-se os impetos de um moribundo :

— Se eu conseguir lutar !

— Lutar ! No Circo ! No Salitre outra vez ?! Diante d'este mesmo publico, acordando os odios adormecidos ha oito annos !

N'este momento principiava nova sessão da mulher barbada, e Charles, reclamado pelo seu posto de commentador official do phenomeno, disse-me precipitadamente :

— Adeus ! Ha dez pessoas na *sala*, vou fazer o discurso !

Quando eu saía, ouvi-lhe a voz rouca e vellada, rompendo o monologo no sacrilego portuguez a que elle proprio alludira :

— *Messiôres e damas, ei la honôr de presentar devante vus...*

Tres mezes depois, n'um domingo de agosto ultimo, enchia-se a praça do Salitre, reaparecia o antigo apparatus de cavalleria e infantaria, e vendiam-se na rua os bilhetes de camarote com augmento de preço : — Charles luctava.

Dias antes, um jornal de Lisboa, annunciando a lucta, gracejara com o luctador; Charles, na intenção provavelmente de fazer ruido com o seu nome, aproveitou a occasião e dirigiu a essa folha uma carta grosseira e estúpida: os chronistas passaram senha e castigaram-o, guerreando-o sem tregoa. Por pouco que o povo leia jornaes, lá lhe chega de alguma maneira o opinião d'elles a agitar-lhe o espirito, e as gazetas irritaram a multidão contra a festa e contra o festeiro.

Quando o luctador saiu da sua barraca, duas lonas armadas em dois paus a um canto da praça, houve um d'esses rumores surdos em que se sente rugir o prologo das revoluções; o Charles expunha o seu sorriso mais affectuoso, e saudava para um e outro lado com os modos ternissimos de quem estivesse encantado de nos ver. Ai d'elle! Da primeira vez que estivera em Lisboa, apparecêra n'aquella mesma praça embuçado n'uma ampla capa branca, que lançára por terra quando no meio do circo e depois das cortezias estendêra a mão ao primeiro contendor; e agora! saía da barraca já nú da cintura para cima! A ausencia da capa branca, era a ultima revelação d'aquella miseria de saltimbanco. Que de coisas não haveria elle vendido, antes de decidir-se a abandonar ao barbante atroz de algum adello aquella capa, que era a sua elegancia das tardes de perigo e de lucta! *Poor Iorick!* Pobre capa branca!

Tem-se dito que os contendores de Charles recebem sempre antes de irem para a praça uma somma sufficiente para os animar... a cairem. Ha n'isto uma porção de absurdo, porque, se os contendores são homens para o vencerem, devem aspirar ao premio da receita inteira, e, se não o são, que lucro tira Charles de os fazer cair... á sua custa!?

Charles não é o rei nem o vassallo dos lutadores, é um lutador entre os muitos que ha, sem gosar todavia da celebridade do Arpin, o *terrible savoyard*, ou do famoso Marselha, heroe da sua cidade natal, que lhe deu o nome e o encheu de favores. Não lhe queirâmos todavia mal por se inculcar tanto; têm-lhe feito tal guerra entre nós que é justo que elle se ajude um pouco a si proprio!

Os contendores quando se approximam d'elle na arena parecem estremecer ainda mais de pasmo que de terror: elle é formidoloso; enormes braços solidamente ligados aos hombros montanhosos, torso de Hercules e meio, e pernas de elephante! Os outros parecem sempre magrinhos, debeis, nervosos e fluctuantes, em comparação d'elle!

Os gladiadores e o Hercules-Farneseo trocam um aperto de mão e trava-se o combate. Charles estreita-os entre os formidandos braços, e, quando elles tentam agarral-o, as gordas carnes escorregam-lhes nas mãos como uma heroz hidropica, e, precipitando-se um sobre o ou-

tro, attacam-se, agarram-se, albaixam-se, torcem-se, erguem-se, brilha-lhes no corpo o suor em gottas, todos os corações palpitam de anciedade, a vosearia espalha-se como para impellir a victoria para o portuguez, e, de repente, um grito rancoroso eccôa na assembléa se o nosso compatriota cae vencido, ou um viva de jubilo, se elle consegue ao menos arrastar Charles e rebolarem ambos no pó!

Tudo isto é acompanhado a gritos, apupos, *hourras*, berros, alaridos, estridores, e celeumas;—peor um pouco, tudo isto é acompanhado a batatas, tabuas, pedras e facas atiradas á praça; Charles ao retirar-se faz das mãos um leque e defende a cabeça; o publico tem a habilidade de tornar medonha uma festa nem hedionda, nem perigosa, que os parisienses applaudem na sala Montesquieu, arena elegante dos lutadores. Mas a gente de Lisboa, que acha rasoavel que a auctoridade consinta o pendurar-se uma libra ao pescoço de um toiro e irem os desgraçados arremessar-se-lhe aos paus com o engodo de a tirarem, revolta-se com o espectaculo de um homem lutar com outro homem em vez de lutar com um boi! *E sempre bene!*...

O outro assumpto do mez é o prestigiador Velle, que fez fortuna pelo processo contrario ao que perdeu Charles: Charles foi grosseiro com um jornal, Velle foi amabilissimo com todos; chegou, mandou o seu retrato a cada jornalista, convidou-os a uma soirée, poz-se a fazer cortesias e habilidades, e sahiram todos d'alli encantados com elle, indo logo apregoal-o na imprensa. Assim nasceu Velle de um chá e de uma noticia diversa!

D'ahi em diante tudo é mysterio e caso magico: Velle dá bailes de feiticeiros, em que elle polka em figura de bode, compra ás parteiras creanças recém-nascidas para fazer unguentos prodigiosos, deita no lenço essencia de mandragora para o diabo lhe ser propicio, preserva de incendio a casa onde passa a noite, assigna pactos com o sangue do dedo minimo da mão esquerda, tem figuras pintadas na parede da alcova que entram a dançar em elle se deitando, compõe perfumes de corações de meninas, e tem por talisman infallivel o pôr no cabelo pomada de figado de donzella!

Ha quem affirme que elle tem o poder de resuscitar os mortos, e que de vez em quando para se distrahir tem um *rendez-vous* com Cleopatra, com Aspasia, e até com Lucrecia, de virtuosa memoria, apesar de se haver suicidado.... depois!

Dizem que consegue evocar as bellezas mais famosas em todo o esplendor de seus encantos, e que uma das noites da semana passada fez conhecer Helena a alguns amigos, Helena com os seus grandes olhos negros, cabelo loiro e faces rosadas.

Tudo são maravilhas, tudo são casos estupendos e sublimes. Até

se afirma que possui, como Agrippa, a astucia de pagar aos credores com lascas de chifre, que parecem de prata e oiro ao sahirem de sua bolsa, e voltam no fim de instantes á sua verdadeira fórma! mas eu não acredito; porque o diabo deve dar-lhe dinheiro sufficiente para que elle não tenha de recorrer a taes expedientes!

Tem-se dito tambem que é rival de Hermann, e já se disse mesmo que o vencêra. Peço licença para não ser d'essa opinião, e inclinar-me até a considerar o sr. Velle, prestigiador aliás de habilidade, muito inferior áquelle elegantissimo semi-demonio que deixou em Portugal tantas lembranças da sua bruxaria e da sua caridade. Nem o ajuda a sua voz ingrata, nem o ar affeminado do seu todo, nem a semceremonia.... hungara com que escorcha o francez; como trabalho, Hermann dispunha inquestionavelmente de mais recursos: era mais paradoxal, mais inverosimil, mais absurdo, mais impossivel em tudo que fazia; depois, era elegante, satanico, mephistophelico: o sr. Velle é um bom moço, Herman era um bom diabo!...

JULIO CESAR MACHADO.

CHRONICA BIBLIOGRAPHICA



distincto escriptor e gracioso folhetinista Pinheiro Chagas, já declarou uma vez que aceitára a missão de critico litterario na *Gazeta de Portugal*, fiado unicamente na fertilidade assombrosa de Camillo Castello Branco. Era a esperança que lhe restava e o auxiliar com que contava. Logo no fim de dois mezes tinha provado o que dissera, analisando dois novos volumes do festejado romancista. A justeza

da consideração apresentada pelo meu bom collega, ninguem melhor do que eu a reconhecia, pois durante quatro annos foi Camillo Castello Branco o melhor sustentaculo das chronicas litterarias d'este jornal. E agora que vou novamente proseguir na minha tarefa, interrompida por dois mezes de ausencia, que foram para mim dois mezes de gratas recordações, tornando-me tão apegado e reconhecido a uma terra, aonde fui pela primeira vez, como o sou á terra do meu berço, encontro logo em cima da mesa do trabalho tres livros de Camillo Castello Branco: o *Amor de salvacão*, a *Filha do Doutor Negro*, e *No Bom Jesus do Monte*. Li immediatamente todos, e reli o primeiro. Apesar das innumeraveis bellezas que matizam os ultimos, ha n'aquelle tanto coração, tanto sentimento, tão pungentes e energicas divagações, tão fundas lagrimas! O amor doira todô o quadro, e doira-o de luz tão suave que a alma se não cança de contemplal-o. Vê-se, que taes paginas foram escriptas sob uma impressão legitima e que desespero e crença as segredára. É a historia de uma paixão, com todas as suas dôres, com todas as suas loucuras, com todos os seus arrebatamentos, com todas as suas provações, com todos os seus enleios, e com todas as suas inconsequencias. Assumpto este em que prima sempre Camillo Castello Branco, e em que consegue fallar muitas vezes sem nunca se repetir.

A *Filha do Doutor Negro*, é um romance mais pensado, mais logico na acção, mais perfeito no desenho dos caracteres. Tem dialogos admiraveis e até profundos. O resultado, pois, é que este captiva emquanto que o outro enthusiasma.

No Bom Jesus do Monte, é uma serie de impressões colhidas nas differentes epochas, em que o auctor ali foi. É um livro, segundo elle mesmo diz, que tem muito com arvoredos, e que foi feito a pedaços, ou a pedaços o coração o foi encadernando nas florestas do Bom Jesus do Monte. Em todos aquelles breves e singelos contos ha um perfume de tristeza e de melancolia que deixa adivinhar o logar em que foram traçados. Ainda assim a narração que mais me impressionou, porque já lh'a tinha ouvido contar ha dois annos, é a que traz a data de 1854. — Que triste drama intimo!

É finalmente um livro tão cheio de poesia como o logar que lhe deu o titulo.

Ao lado d'estas obras de Camillo Castello Branco encontrei tambem um romance de Arnaldo Gama, intitulado o *Segredo do Abbade*. Passa-se no tempo da invasão franceza. É, pois, uma novella entrelaçada de factos historicos. Na investigação e averiguação d'estes, ha verdadeira consciencia; no movimento e acção d'aquella, ha interesse e situações dramaticas de bom effeito. A maioria dos typos tem bom desenho e muito relevo. Só acho exagerado o vulto de *Frei Lopo de Baião*, que é um legitimo descendente da escola ultra-romantica. Este pequeno defeito, se defeito é, está compensado por innumeraveis bellezas que revelam o talento do auctor e que justificam a merecida reputação que já outros romances lhe conquistaram.

Tenho ainda um volume de poesias a mencionar. Firma-o o nome do sr. Antonio Pinheiro Caldas, distincto poeta portuense. Para attestar o merito do livro basta-me citar os seguintes periodos de um juizo critico de Camillo Castello Branco:

«Aos de fóra é necessario dizer que o sr. Caldas não é bacharel, nem socio da academia real, nem orador de parlamentos industriaes, nem cerzidor de artigos de fundo, nem garrulo impertinente das palestras de botequim. O sr. Caldas é negociante, vende e compra pannos, não subsiste de outro manancial, nem se afflige quando se vê forçado a hospedar as musas no seu estabelecimento, com tanto que o tracto das musas o não cohiba de responder á prosa dos freguezes.

Verdadeiro poeta é, pois, o sr. Caldas. Para lhe ser devido este titulo não seria preciso que o espirito, a graça, o sentimento, a correcção, e a imitação do bello poriassem tanto em formar e colorir as suas poesias. O genio, desajudado das alfaias do estudo, veste-lhe o pensamento de galas, torneia-lhe a dicção com tal donaire, que nem eu sei como o coração póde tanto, ou os artificios de tão pouco servem, quando o homem sente nascer em si de subito o poeta.

O livro que acabo de ler é justamente a evidencia de umá linha

que o auctor escreveu no prologo: «Não prostitui a lyra. De certo que não.»

Tudo o que eu acrescentasse seria ocioso em frente d'esta apreciação.

Cabe aqui publicar uma poesia que me enviaram anonymamente. Quem é o auctor, não sei; mas que é poeta e bom poeta, isso vou jurar-o, e depois de a ler tambem o leitor jurará o mesmo commigo. Eil-a:

ESPERANÇA

A M.^{me} J. A. P.

D'anil no oceano ethereo, nau da luz,
navega deslumbrante o sol em fôgo.
D'oiro e arminho é a espuma que produz-
o sulco abrasador, que a apaga logo.

Ave não ha no céo, na selva arqueja.
Peixe não surde, immerge no mar fundo.
Tudo o que vive ou sente arde na inveja
das aguas, n'este incendio sobre o mundo.

De paixão e saudade trabalhado,
embrenho-me na sombra d'uma gruta
onde venho pascer o meu cuidado,
da descrença e da fé na eterna luta.

Do rochedo filtrada, a gotta fria,
doce frescura e paz ali derrama;
d'agua a cadencia — triste melodia —
orvalha a languidez do amor na chamma.

Adormeci. Na delicia
innebriante
de terno e languido sonho,
o peito amante
se dilatava de gôso
tão ineffavel
á doce e pura caricia
tão amavel
de teus olhos e sorriso...
que, extinto o zelo medonho,
o paraizo
se me abria luminoso.

E, de feito, se abrija o céo clemente
á minha alma. Desperto... e o que eu vejo?!
Fascinador emblema da potente
seducção... Eras tu, que em sonhos beijo.

Oh! que acordar feliz, meu anjo amado!
Que jubilo, que arrobo voluptuoso!

Que bem, que refrigerio! Um tal estado
d'alegria desmaia, e é perigoso.

Que bella e meiga estavas, ó querida
d'este peito em que imperas soberana!
De teus olhos pendia a minha vida,
d'esse olhar que a rasão me torna insana.

Esplendida e gentil, fresca e donosa,
opulenta de graças e riqueza
de mocidade, qual a casta rosa,
exhalavas perfume de pureza.

E de mim te acercaste, que sonhava
ainda, sem fallar, nem crer que via
o meu idolo caro, que ali estava,
e que eu sequer tocar nem me atrevia.

Da tua voz e gesto irresistiveis,
a sublime expressão coou-me n'alma.
«Insensato» — disseste — que indiseiveis
«ciumes te laceram? Pensa, acalma

«esse espirito inquieto. Eu sou senhora
«de ti, mando e ordeno que te abrigues
«do meu carinho á sombra protectora,
«e a fragoa de anciedade assim mitigues.

«Que mais queres de mim? Amo-te, e creio.
«Na vida tormentosa sou-te espr'ança...
«acceitar o teu culto não receio...
«Que mais queres de mim? Dúvida cança.

«Ajoelha a meus pés, tem fé, conhece
«o que me deves, cego, de ventura.
«Que a tua gratidão nobre confesse
«não poder ir além affeição pura.»

E á minha bocca levaste
a tua mão peregrina,
á minha bocca sequiosa
que a beijou... benção divina!

E fugiste, sem querer
Ouvir a prece fremente
da minha alma, que exaltaste
A doce extase de crente.

No proximo numero farei a apreciação de alguns livros de auctores brasileiros ultimamente recebidos; e conto igualmente festejar o apparecimento das *Tempestades sonoras*, de Theophilo Braga, cuja impressão deve concluir-se por estes oito dias.

ERNESTO BIESTER.